



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL**

GERSON DAS NEVES FERREIRA DE MORAIS

**A PRESENÇA DOS ARTIGOS LO – LA NO ENSINO FUNDAMENTAL
DA ESCOLA CAIC NA REGIÃO DE FRONTEIRA**

**Corumbá
2010**

GERSON DAS NEVES FERREIRA DE MORAIS

**A PRESENÇA DOS ARTIGOS LO – LA NO ENSINO FUNDAMENTAL
DA ESCOLA CAIC NA REGIÃO DE FRONTEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Linha de Pesquisa: Ocupação e
Identidades Fronteiriças**

**Orientador: Prof. Dr. MARCO AURELIO
MACHADO DE OLIVEIRA**

**Corumbá
2010**

FOLHA DE APROVAÇÃO

A dissertação intitulada A PRESENÇA DOS ARTIGOS LO – LA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA CAIC NA REGIÃO DE FRONTEIRA, apresentada pelo mestrando GERSON DAS NEVES FERREIRA DE MORAIS, à Banca Examinadora da UFMS, *Campus do Pantanal* - Curso de Mestrado em Estudos Fronteiriços, foi considerada _____, em ____/____/2010.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: MARCO AURELIO MACHADO DE OLIVEIRA
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

1º avaliador: GUSTAVO VILLELA LIMA DA COSTA
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

2º avaliadora: ANGELA VARELA BRASIL
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS**



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus do Pantanal

GERSON DAS NEVES FERREIRA DE MORAIS

A PRESENÇA DOS ARTIGOS LO – LA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA
ESCOLA CAIC NA REGIÃO DE FRONTEIRA.

GERSON DAS NEVES FERREIRA DE MORAIS

A PRESENÇA DOS ARTIGOS LO – LA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA CAIC NA REGIÃO DE FRONTEIRA.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudo Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal
Como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Professor Dr. MARCO AURÉLIO MACHADO DE OLIVEIRA

Corumbá
2010

A vida é um desfiar de lutas e experiências você ora está aqui, ora está ali.

Ora faz de um jeito, ora faz de outro.

Esse movimento contínuo aprimora as suas idéias e ações, impele-o para frente, leva-o à tomada de novas posições e engrandece-lhe o espírito.

É preciso, porém, equilíbrio e norma de boa ação.

Acredite em você e manter boa norma de conduta é construir um mundo de paz e alegria onde estiver.

Dedico este trabalho aos
meus pais já falecidos:
ELIAS ADÃO MORAIS
E EVANILDA MORAIS.

AGRADECIMENTOS

Prof. Dr.^a Ângela Varela Brasil, pelas importantes contribuições nos encaminhamentos de textos para estudos e análises;

Prof. Dr. Marco Aurélio, pelos seus préstimos relevantes, por encabeçar e assumir com coragem e determinação o mestrado em estudos fronteiriços e aceitar o meu convite de ser o meu orientador.

Prof. Edgar que sempre prostrou-se em contribuir com informações relevantes aos trabalhos propostos aos grupos de estudos.

Prof. Dr.^a Ana Lúcia de Oliveira Villaça, pelo incentivo inicial do mestrado e por aceitar o meu convite se pudesse para ser minha orientadora .

Prof. Rauer Ribeiro Rodrigues que generosamente enviava-me e-mail de anais, seminários entre outros para que eu pudesse participar, além de suas intervenções sempre fundamentais questionando-me em textos realizados e enviados para apresentações.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos Fronteiriços cujos ensinamentos contribuíram e muito para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos funcionários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços pelas informações e pelos encaminhamentos de documentações entre outros.

Aos Colegas do Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços.

Professora Luciene Lemos de Campos, que inexplicavelmente desde o início do mestrado prostrou-se a caminhar lado a lado comigo rumo ao desenvolvimento até o final da dissertação do Mestrado.

Professora Maria Auxiliadora Benevides, que desde o ensino médio acompanha nossos trabalhos como colega de sala e retornamos como colegas do curso de mestrado.

Ao Professor Dorvanil da Silva Gomes pela presteza em sempre bem atender-me com seus relevantes ensinamentos e conhecimentos.

À minha mãe, enquanto estava viva pelo aprendizado que proporcionou-me e por transformar amor e verdade e ensinar-me o verdadeiro valor do trabalho e da amizade.

À minha cunhada Eliene Cristihan Lopes de Lima, que contribui sempre olhando para os meus lindos e adorados filhos Carlos Eduardo Lima de Morais, de 11 anos e Luís Gustavo Lima de Morais, de 6 anos.

Aos meus irmãos: Vanderlei (já falecido), Joelcio, Sergio, Laelcio e Antonio Elias que pelos seus infundáveis e cansáveis sermões e comentários que incentivaram-me de alguma forma no início e término deste Mestrado.

À minha esposa ANGELA MARIA LOPES DE LIMA MORAIS , que sistematicamente ajudou-me, acompanhou-me, incentivou-me como esposa e como companheira sempre pronta atender-me quando precisava estar perto de mim aceitando muitas vezes a minha ausência, afinal é o amor.

MORAIS [Gerson das Neves Ferreira de Moraes]. A presença dos artigos lo – La no ensino fundamental da Escola CAIC na região de fronteira. Corumbá –MS, 2010 – (Mestrado, Estudos Fronteiriços) – UFMS – Campus do Pantanal.

RESUMO

O propósito deste projeto foi examinar os meios interacionais em sala de aula, fora de sala, em ambiente escolar, da escola CAIC “ Padre Ernesto Sassida” , por alunos dos 5.ºs aos 9.ºs anos, onde destacamos nas planilhas os alunos dos 7.ºs anos, aceleração 7.º e 8º anos e 9.ºs anos.

A clientela da escola constitui de alunos provenientes do lado brasileiro, fronteiriço e boliviano, estes provenientes de família de baixa renda que na maioria vem para escola com muita dificuldade em função da falta de transporte adequado.

Tentou-se buscar dessa incrível experiência dados que descrevessem como os alunos oriundos de famílias de classe social de baixa renda se comunicam e se interagem com certa facilidade com colegas.

A pesquisa teve duas vertentes, uma quantitativa e outra qualitativa e partiu de hipóteses que os alunos do ensino fundamental da escola CAIC já tinham em seu repertório lingüístico estilos próprios de fala.

O estudo apoiou-se em várias pesquisas de informações, questionários, conversas informais e observações em sala de aula, nas atividades desportivas, auditório, recreio e na hora da merenda escolar.

A pesquisa também incluiu o estudo de como os alunos veem para escola, o grau de entendimento das línguas, motivo da moradia, relacionamento com os colegas entre outros.

Palavras-chave

Política, sociolinguística, fronteiriço

MORAIS [Gerson das Neves Ferreira de Moraes]. A presença dos artigos lo – La no ensino fundamental da Escola CAIC na região de fronteira. Corumbá –MS, 2010 – (Mestrado, Estudos Fronteiriços) – UFMS – Campus do Pantanal.

SUMMARY

The purpose of this Project was to examine the international means of interaction within a classroom, outside the classroom, in the school's environment, of the CAIC school "Father Ernesto Sassida". Data collected from 5 to 9 years old students, where in our sheets we have made emphasis on the 7 years old students, on the advancing to 7 years of age, and on the 8 and 9 years old students.

The alumni from this school are constituted by students coming from the Brazilian side of the border, from the border itself, and from the Bolivian side of it, the latter coming from families of low income levels, where the majority of them come to school with facing many difficulties due to the lack of an appropriate transportation.

The goal from this amazing experience was to find data which could describe how the students from those families of low income levels can communicate and interact in such an easy and natural way with their classmates.

The research had two sources, one referring to quantity, the other referring to quality. It started from the hypothesis stating that the students from CAIC elementary already possessed in their verbal repertory their own speaking style.

This research rested in many investigations of information, questionnaires, informal chats and observations in the classrooms, on their sports activities, in the auditorium, on their break time and in their meal time.

The investigation also included the study on how the students come to school, the level of understanding of the language, the reason of their living, the relationship with their classmates, among others.

KEY WORDS

Politics – sociolinguistic – related to the borderline

MORAIS [Gerson das Neves Ferreira de Morais]. A presença dos artigos lo – La no ensino fundamental da Escola CAIC na região de fronteira. Corumbá –MS, 2010 – (Mestrado, Estudos Fronteiriços) – UFMS – Campus do Pantanal.

RESUMEN

El propósito de este proyecto fue el de examinar los medios internacionales dentro de la clase, fuera de ella, en el ambiente escolar, de la escuela CAIC “Padre Ernesto Sassida”, por alumnos de cinco a nueve años, donde hemos destacado en las planillas los alumnos de siete años, aceleración de los siete, ocho y nueve años.

La clientela de la escuela está constituida por alumnos provenientes del lado brasileño, del fronterizo y del boliviano, éstos últimos provenientes de familias de bajos recursos que en su mayoría vienen a la escuela con mucha dificultad debido a la falta de un transporte adecuado.

Se trató de buscar de esta increíble experiencia, datos que describiesen cómo los alumnos oriundos de familias de clase social de bajos recursos se comunican e interactúan con cierta facilidad con los compañeros.

La investigación tuvo dos vertientes, una cuantitativa y otra cualitativa y partió de la hipótesis de que los alumnos de la enseñanza primaria de la escuela CAIC ya poseían en su repertorio lingüístico estilos propios de habla.

El estudio se apoyó en varias investigaciones de informaciones, cuestionarios, charlas informales y observaciones en la clase, en las actividades deportivas, en el auditorio, en el recreo y en la hora de la merienda escolar.

La investigación también incluyó el estudio de cómo los alumnos vienen a la escuela, el nivel de entendimiento de los idiomas, el motivo de su vivienda, el relacionamiento con sus compañeros, entre otros más.

PALABRAS CLAVES

Política – sociolingüística – fronterizo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. CORUMBÁ, CIDADE FRONTEIRIÇA	16
2. MOVIMENTOS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BOLÍVIA E REGIÃO DE FRONTEIRA	21
3. LÍNGUAS DE FRONTEIRA DENTRO DE UM PRISMA LINGUISTICO	26
3.1 O “portunhol” uma nova linguagem em nossa região de fronteira?.....	38
3.2 A linguagem	39
3.3 O uso dos artigos “lo” e “la” como elo de ligação	41
3.4 Imigrantes bolivianos na região de fronteira	44
4. BILINGUISMO NA REGIÃO DE FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA	46
4.1 Estudos Fonológicos	53
5. O CENTRO DE ATENDIMENTO INTEGRAL À CRIANÇA – CAIC	56
6. A FRONTEIRA: O DIFERENTE TERRITÓRIO DAS PRÁTICAS LINGÜÍSTICAS E A NÃO ACEITAÇÃO DO SEU “EU”	63
6.1 Estudantes na fronteira Brasil-Bolívia: contatos sociais e linguísticos	67
6.2 Entrada e saída de fronteiriços: Brasil e Bolívia	70
6.3 História, memória e identidade: fronteira e relações de vizinhança	75
6.3.1 Fronteira e relações de vizinhança	75
CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	83

Lista de Tabelas

Tabela 1: Evolução da População	p.17
Tabela 2:População residente por faixa etária	p.18
Tabela 3: indicadores de pobreza, conforme área geográfica	p.25
Tabela 4: Sexo dos entrevistados por série	p.32
Tabela 5:Idade dos entrevistados por série	p.32
Tabela 6:Filiação dos entrevistados por série	p. 33
Tabela 7: País de residência dos entrevistados por série	p.34
Tabela 8:Motivo de residência dos entrevistados por série	p.34
Tabela 9:Meios de locomoção para a Escola dos Entrevistados por série	p.35
Tabela 10: Relacionamento com colegas dos entrevistados por série	p.36
Tabela 11: Entendimento de ambas as línguas dos entrevistados por série	p.37

Lista de Figuras

Figura 1: Receita Federal na Fronteira Brasil com a Bolívia – vistoria de veículos de transportes turísticos	p.19
Figura 2: Entrada da Bolívia	p.21
Figura 3: Prédio da Receita Federal na Rodovia Ramon Gomez	p.27
Figura 4: Vista interna da Fronteira sentido Brasil – Bolívia – posterior ao posto de Fiscalização da Receita Federal	p.28
Figura 5: Placa de boas vindas do lado boliviano com o uso do artigo la	p.41
Figura 6: O artigo la em uso na cabine de um caminhão	p. 42
Figura 7: Estrada Ramon Gómez – sentido Brasil – Bolívia	p.45
Figura 8: Centro de Atendimento Integral à criança – entrada principal pela Rodovia Ramon Gómez	p.56
Figura 9: Ginásio da Escola CAIC Padre Ernesto Sassida	p.58
Figura 10: Prédio onde estão instaladas as salas do ensino fundamental	p.61
Figura 11: Placa de orientação turística do lado brasileiro	p.63
Figura 12: Cemitério Nelson Chama (Lado Brasileiro)	66

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Sexo dos entrevistados por série	p.32
Gráfico 2 :Idade dos entrevistados por série	p.33
Gráfico 3 :Filiação dos entrevistados por série	p.33
Gráfico 4: País de residência dos entrevistados por série	p.34
Gráfico 5:Motivo de residência dos entrevistados por série	p.35
Gráfico 6:Meios de locomoção para a Escola dos Entrevistados por série	p. 36
Gráfico 7: Relacionamento com colegas dos entrevistados por série	p.37
Gráfico 8: Entendimento de ambas as línguas dos entrevistados por série	p.38

INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda estudos sobre a presença dos artigos lo e la no ensino fundamental na escola Caic na região de fronteira visando demonstrar alguns problemas da região fronteiriça.

O contexto da fronteira Brasil-Bolívia é um estudo sistematizado considerando a proximidade geográfica, histórica, social e cultural, assim como a socialização e a compreensão do movimento inter-fronteira nas cidades fronteiriças.

Essa fronteira Brasil-Bolívia além de ser ocupada por brasileiros, bolivianos também estão presentes imigrantes que passam a ser chamados de fronteiriços, o que requer especial atenção à função sociolingüística.

O estudo sobre as origens do povo fronteiriço, além de posturas, ideologias, fatos concretos e outros estão inseridos dentro de cada capítulo.

Não há pretensão de se fazer uma caminhada diacrônica desse processo evolutivo, mas sim de refletir sobre a humanização, a socialização e a situação histórica e política desse país, não se esquecendo do processo educacional que faz uma ponte pela proximidade de entendimentos fonológicos da língua.

A escola CAIC Padre Ernesto Sassida , o principal local onde foram observados os fronteiriços já que esta recebe o maior número de alunos bolivianos fronteiriços com uma heterogeneidade de estudantes que se misturam em salas de aula, o que nos faz refletir sobre o processo multidisciplinar, o bilinguismo e as interfaces.

Neste sentido, dá-se ênfase especial aos alunos fronteiriços e sua evolução num processo histórico social e econômico e à contemporaneidade linguística em que se vive neste País.

Dessa forma, esta dissertação busca entendimentos que possam verificar a inserção dos fronteiriços no Brasil, em função de suas diferenciações seja, pela sua maneira de ser, de vestir, de falar, de viver, enfim, pelo rol de cultura que trazem do seu país e que aqui representam a continuidade dos seus modos de viver.

Por fim, esta dissertação está constituída metodologicamente, por pesquisa em varais teóricos, conforme autores citados nas referências e se compõe estruturalmente de seis capítulos, a saber:

O primeiro capítulo trata da cidade de Corumbá como cidade fronteiriça apresentando algumas de suas vantagens e desvantagens.

O segundo capítulo mostra os movimentos políticos, econômicos e sociais na região de fronteira com suas dificuldades.

O terceiro capítulo relata sobre as nossas línguas de fronteira dentro de um prisma lingüístico, e em seus subcapítulos apresentam o portunhol como uma nova língua em nossa região de fronteira, sua linguagem, seus artigos lo e la utilizados como elo de ligação e os imigrantes bolivianos na região de fronteira.

O quarto capítulo apresenta o Bilingüismo na região de fronteira Brasil – Bolívia como forte fator de comunicação e estudos fonológicos que reforçam a idéia dos artigos “lo” “la” e o artigo neutro “el”

O quinto capítulo aborda um referencial teórico acerca do Centro de Atendimento Integral à Criança – CAIC, demonstrando sua trajetória histórico-morfológica e sua principal clientela.

O sexto capítulo analisa alguns dos reflexos da região de fronteira, e em seus subcapítulos explora os estudantes na região de fronteira, entrada e saída de fronteiriços e a fronteira e suas relações de vizinhança.

Destacamos também a atuação dos principais partidos políticos que serviram de instrumentos para o fomento de crescimento de situações ilícitas e irregulares, tais como genocídio, roubos, furtos, corrupção dos mais diferentes níveis, situações essas que acabam corroborando com o desmantelamento do Estado Nacional e a eliminação das barreiras de proteção social, dentre outros fatores correlatos oriundos desse mal estar social.

A conclusão apresenta os anseios esperados com a consecução desta dissertação que juntamente com as referências dão-nos respaldo científico e finalizam este trabalho dissertativo.

1. CORUMBÁ, CIDADE FRONTEIRIÇA

A cidade de Corumbá é conhecida como cidade branca por causa da cor clara de suas terras ricas em calcário e também pelo pó das ruas que eram quase todas sem asfalto e conseqüentemente levantava poeira deixando a cidade com essa leve tonalidade.

Corumbá, abrange 60 % do pantanal sul mato-grossense e 37% do Pantanal brasileiro, sendo assim, considerada a capital do pantanal e a principal cidade às margens do rio Paraguai.

A cidade fronteiriça com a Bolívia tem como suas principais atividades econômicas , a pecuária, com o maior rebanho bovino do estado, a mineração, a pesca e o turismo. A cidade conserva, prédios públicos e casarios de influência européia, com suas histórias, culturas, costumes e tradições.

Alguns de seus principais atrativos turísticos são: o Casario do Porto, Forte Coimbra (1776), Forte Junqueira (1871), Igreja Nossa Senhora da Candelária (1872), Morro do Urucum (3ª maior reserva de minério de ferro do mundo e 2ª de manganês) , os safaris fotográficos, a Estrada Parque que corta o Pantanal em direção ao Porto da Manga, a Casa do Massa Barro, a Casa do Artesão, o mirante do Cristo situado no morro, a Praça da Independência, o Museu do Pantanal (Instituto Luiz de Albuquerque), e os passeios de voadeiras, lanchas e barcos de turismo.

Corumbá ainda pode contar com a proximidade com a fronteira com a Bolívia, donde pode se conhecer cidades vizinhas como Puerto Suarez e Puerto Quijarro, que contam com uma Zona Franca para compras de produtos importados.

Corumbá , cidade mais próxima da Bolívia, é também um dos Biomas mais bem conservados do mundo.

As cidades fronteiriças Corumbá x Puerto Suarez , precisam formar material humano com qualidade, credibilidade, treinamento e competência para efetivamente tornarem-se cidades que possam ter mão-de-obra especializada nas mais diversas áreas e com isso fortalecer a região fronteiriça sem depender dos grandes centros tornando-se independente economicamente.

Conforme Corrêa (2006, p. 80)

Corumbá no seu papel de grande destaque na vida econômica do estado mato-grossense e na fronteira sul, caracterizando ainda a etapa da internacionalização do comércio fluvial, responsável pela sobrevivência e vitalidade dessa grande fatia do oeste brasileiro.

O turismo de pesca do município de Corumbá é um dos principais processos de desenvolvimento desencadeado na construção de novos hotéis, pousadas, barcos-hotel, bares, restaurantes, entre outras atividades.

A pecuária e a mineração juntamente com o setor de turismo é uma das principais atividades econômicas do município e também um setor que gera muitos empregos dando oportunidades a brasileiros, bolivianos e fronteiriços.

O município de Corumbá é formado por seis distritos: Albuquerque, Amolar, Coimbra, Nhecolândia, Paiaguás e Porto Esperança numa área de 62.561 Km² que equivale a 18% do estado e aproximadamente 37% do pantanal. Ao norte tem como fronteira o estado de Mato Grosso, ao sul, Porto Murtinho; a leste, Bodoquena, Miranda, Aquidauana, Rio Verde de Mato Grosso, Coxim e Pedro Gomes; e a oeste, as Repúblicas da Bolívia e do Paraguai.

A evolução da população de Corumbá da zona urbana e rural desde 1940 a 2000 estavam distribuídas da seguinte forma, sempre em ascensão, salvo em 1980 que teve um leve declínio populacional, conforme dados do IBGE – CENSO 2000.

ANO	TOTAL	ÁREA URBANA	ÁREA RURAL
1940	29.521	17.462	12.059
1959	38.734	24.336	14.398
1960	59.556	38.841	20.715
1970	81.887	51.146	30.741
1980	81.145	67.563	13.582
1991	88.411	79.660	11.751
1996	89.083	76.302	12.781
2000	95.701	86.144	9.557

Tabela 1: Evolução da população
Fonte: IBGE Censo 2000

A distribuição da população residente por faixa etária e sexo estava distribuída da seguinte forma, conforme dados do IBGE Censo 2000, demonstrados na tabela 2:

FAIXA ETÁRIA	MASC. (%)	FEM. (%)	POPULAÇÃO (%)
00-04	5.9	5.6	11.5
05-09	5.8	5.5	11.3
10-14	5.6	5.3	10.9
15-19	5.6	5.3	10.9
20-29	8.6	8.6	17.2
30 -39	7.0	7.2	14.2
40-49	4.9	5.1	10.0
50-59	3.3	3.5	6.8
>60	3.5	3.7	7.2
TOTAL	50.2	49.8	100.0

Tabela 2: População residente por faixa etária
 Fonte: IBGE Censo 2000

Corumbá é a terceira cidade do estado, com 95.704 habitantes, faz fronteira com a Bolívia e está distanciada da capital por aproximadamente 425 km. É uma cidade regional que no passado teve um grande papel de centro importador, hoje, sua principal atividade industrial são as mineradoras que estima-se que a região pantaneira possui a terceira maior reserva nacional de minério de ferro e a segunda maior reserva de manganês do Brasil.

Corumbá tem acesso vias rodoviário, ferroviário, muito embora, hoje usado apenas para transporte de alguns tipos de carga e assim mesmo não atingindo todas as cidades do Estado de Mato Grosso do Sul, a rede hidroviária de Corumbá através do Rio Paraguai num raio de 3.400 Km até Nueva Palmira, no Uruguai, e o Aeroporto Internacional que tem capacidade para operar com empresas pequeno, médio e grande porte, e infra-estrutura para funcionar 24 horas.

Corumbá detém a força do comércio varejista pois possui um importante e dinâmico intercâmbio comercial com a Bolívia que atrai milhares de turistas pelo fluxo de mercadorias que vão de alimentos a eletrônicos sendo muitos de origem internacional com marcas japonesas, coreanas dentre outras.

Esse turismo citado que é uma das principais fontes de renda e empregos está focado na extensa diversidade da fauna e flora do Pantanal; o Casario do Porto e as construções arquitetônicas históricas; sítios arqueológicos, monumentos históricos, o Rio Paraguai, a Fronteira com a Bolívia e a Zona Franca.



Figura 1: Receita Federal na fronteira do Brasil com a Bolívia, em Corumbá (vistoria de veículos de transportes turísticos)
Fonte: Morais (2009)

Os turistas que chegam à cidade branca, como Corumbá é conhecida, vem quase sempre com uma finalidade de turismo de pesca, outras vezes vem para o turismo contemplativo subdividido em cultural e ecológico, o turismo de compras, o turismo educacional e o turismo cultural destinado aos eventos, simpósios, reuniões e congressos.

Conforme dados do Censo - IBGE – a população ativa de Corumbá reside em quase sua totalidade na zona urbana da cidade e de acordo com dados oferecidos pela Prefeitura Municipal de Corumbá consta que na parte da Saúde a cidade oferece atendimento aos moradores da cidade e do país vizinho, já que a precariedade do sistema de saúde na região de fronteira e da Bolívia chega ser caótico pela falta de estrutura.

A estrutura oferecida pela cidade conta com: Hospital e Maternidade da Sociedade Beneficente Corumbaense, 17 centros de saúde com sete gabinetes odontológicos, 03 clínicas, 01 pronto socorro 24 horas, e o Centro de controle de Zoonoses, além de uma extensa variedade de programas e projetos na área de saúde que são desenvolvidos dentro da Prefeitura e extensos aos bolivianos, fronteiriços e àqueles que necessitam de quaisquer atendimentos nas seguintes áreas: Controle de Tuberculose, Hanseníase, Hipertensão Arterial, Diabetes, DST/AIDS, Farmácia Básica, Saúde Mental, Saúde Bucal, de Nutrição para crianças desnutridas e gestantes, o Sistema de Vigilância Alimentar Nutricional, Controle da Profilaxia da Raiva, Preventivo de Câncer, Agentes Comunitários, agentes de saúde, saúde da família.

No setor educacional, conforme dados da Prefeitura de Corumbá consta com 58 escolas, sendo 53 escolas na zona urbana e cinco escolas na zona rural, sendo 12 escolas estaduais, 27 escolas municipais dos quais 22 urbanas, cinco rurais e por fim 19 escolas particulares.

Corumbá é certamente um dos centros urbanos mais interessantes do Brasil é privilegiado por estar geograficamente situada numa região fronteiriça e pelos seus 231 anos de existência dentro do Estado de Mato Grosso do Sul e esta sempre ocupou como a terceira cidade do Estado, sendo superada por Campo Grande e Dourados.

2. MOVIMENTOS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS NA REGIÃO DE FRONTEIRA

A Bolívia vive politicamente, economicamente e socialmente uma de suas piores crises, já que sua instabilidade nesses setores tem sido marcante e determinante para a situação da sua população.

Os movimentos sociais são vistos como atores coletivos plurais estabelecidos por uma gama de solicitações para criar mudanças ou alternativas viáveis para o reconhecimento social da região de fronteira e da Bolívia.



Figura 2: Entrada da Bolívia (Passando o Posto da Receita Federal)
Fonte: Morais (2009)

O povo boliviano e fronteiriço vive desacreditado durante mais de vinte anos desde 1985 os pacotes econômicos não tiveram sucesso e ocasionaram a exclusão, a marginalização social, fome, miséria, exploração, sofrimento, mortes, desestabilização entre familiares afetando socialmente e moralmente a cabeça da população.

Alguns partidos políticos que se alternavam no poder foram instrumentos de legalização de situações ilícitas e irregulares, o genocídio, roubos, furtos, corrupção ativa e passiva, impunidades, assassinatos entre outros, motivos estes que visavam galgar uma vida melhor e mais digna com uma cidadania de amplos poderes.

A Bolívia passou no ano de 2.000 por uma situação de desmantelamento do Estado Nacional, da eliminação das barreiras de proteção social, da demissão massiva de trabalhadores, da fragmentação do país além de outros fatores.

O povo boliviano resolveu dar um basta nessa situação que desmantelava e acabava com o país e buscando novos caminhos para o crescimento pessoal e a procura de um futuro com dignidade, trabalho, soberania nacional e cidadania.

O espanhol e o português falados são relacionados e estudados na região de fronteira principalmente na cidade de Corumbá e Puerto Suarez, solidificando a parte cultural e social.

Os países se fortalecem somando forças e demonstrando a importância de se conhecer a língua do país vizinho em especial por estarmos vivendo num mundo globalizado e juntamente com o Mercosul que facilita essas relações de interface entre ambos.

A integração dos países fronteiriços estão economicamente, socialmente e politicamente ligados, muito embora vivam bastantes situações de conflitos em especial pelas desigualdades sociais em que a população vive.

A aprendizagem da nova língua resgata um pouco a força de se crescer e buscar os novos horizontes pretendidos e das experiências de aprender a língua e a cultura que já fazem parte da nossa história.

Na era da globalização o interessante era gradativamente a implantação das duas línguas oficiais como forma de interatividade, compreensão cultural e social desses países.

Falar de política cultural é falar de política lingüística, já que estas são dependentes umas das outras, onde o ensino de línguas e de atendimento aos objetivos envolvendo as pessoas, a conveniência das línguas, a criatividade entre outros fatores.

O problema da região de fronteira é a falta de força política educacional e econômica, uma vez que os governos precisam ter muita coragem e determinação de assumir e fazer assumir escolas e salas de aulas com educação bilíngües refletindo bem a posição geográfica em que estas se encontram.

Na fronteira Brasil-Bolívia, a parte social da cidade fica mau vista pela própria comunidade e de outras cidades brasileiras porquanto que a miserabilidade do povo fronteiriço e boliviano leva ao entendimento que quase todos partem para o tráfico, o que não é verdade, mas esse rótulo fica estampado e marcado com muita dificuldade de retirá-lo.

As ruas de Puerto Quijarro e das cidades próximas da região de fronteira estão quase sempre sujas, com mau cheiro, esgotos abertos, e essa miséria faz

com que a imagem repassada negativamente para esse povo fique como se fosse a mais pura realidade.

É bem verdade que a facilidade de se conviver com o narcotráfico, de se ganhar dinheiro considerado fácil e sem esforço, ganhar às vezes cinco vezes mais de quem trabalha honestamente, por exemplo um trabalhador ganha cerca de quinze a vinte reais por dia enquanto que aquele que comete essas infrações ou facilita como ajudante ou informante podem ganhar bem mais na maioria das vezes, mesmo tendo que arriscar sua vida e até de seus familiares.

Os fatores políticos, históricos e sociais determinam muitas vezes a maneira como é usada a língua e como elas se movimentam e quão sua importância dentro do aspecto sócio-linguístico em que estão envolvidas.

O “portunhol” surge da mistura da proximidade das duas línguas e como esta quase sempre mistura as oficiais é estigmatizada, considerada inferiorizada, mas demonstra que existe uma terceira língua que surge buscando uma aproximação, convergindo assim para um lugar onde estão todas as práticas linguísticas fronteiriças.

A Bolívia sofreu algumas conseqüências dos desmembramentos territoriais desde 06 de agosto de 1825 quando já nasceu independente com uma vasta superfície territorial de 2’363.769 km², a mesma que, a partir de 1867, começou a ser desmembrada sendo que 490.430 Km² em 1867 ficou com o Brasil; Mato Grosso ficou com 50.730 Km²; 251.000 Km² ficou com o Acre, além de perdas para o Peru, Chile, Argentina e Paraguai, trazendo a conseqüência de uma perda política considerável.

O transporte aéreo da Bolívia conta com o aeroporto internacional de El Alto, aeroporto de Viru Viru em Santa Cruz de La Sierra e o aeroporto internacional Jorge Wilstermann na cidade de Cochabamba.

Outras cidades contam com aeroportos menores como: Sucre, Juana, Azurduy de Padilla, Tarija, Cap. Oreol Lea Plaza, Potosi, Nicolas Rojas, Oruro, Juan Mendoza, Trinidad, Tite de Aviacion Jorge Henrich A., Cobija, Aníbal Arab.

O transporte fluvial boliviano compreende três grandes grupos: O sistema Amazônico, Sistema Del Plata e o Sistema Del Antiplano o Lacustre.

A Bolívia se encontra no coração do Sul da América com uma superfície de 1’098.581 Km², e uma população de mais de oito milhões de habitantes distribuídos em seus nove departamentos.

No aspecto turístico conta com uma grande variedade de atrativos que vão desde paisagens naturais com uma gama de riquezas vegetais e animais. Um país que é conhecido internacionalmente como o país com três zonas geográficas: zona del altiplano, zona de los valles o montanhosa e zona dos ilanos.

A população da Bolívia está constituída por três grupos étnicos principais:

Os indígenas que constitui 42% da população e falam uma língua própria do seu grupo de origem.

Os mestiços que são oriundos da mistura entre brancos e índios e constitui 37% nas áreas urbana. E o grupo de brancos que são descendentes diretos dos colonizadores espanhóis ou por migrantes de países europeus como Alemanha, Croácia, França, Itália e em menor número na Inglaterra.

Existem ainda alguns grupos minoritários como: Os menonitas de origem holandesa, os japoneses, os giorgianos, os chinos.

Existem 33 grupos originários do território boliviano, as mais importantes estão repartidas da seguinte forma:

- Quéchuas, que ocupam parte dos departamentos de Potosi, Oruro La Paz, Cochabamba, Tarija e Chuquisaca.
- Aymaras, assentados nos departamentos de Potosi, Oruro, La Paz e Cochabamba.
- Chiriguanos, que ocupam os departamentos de Santa Cruz, Chuquisaca e Tarija.
- Chiquitanos, Otuques, Bororos, Ayoreos, Camacocos, Tamucos, Guarayos, Pausernas e Sirionos que ocupam cada uma das pequenas regiões do departamento de Santa Cruz.
- Matacos, que ocupam uma parte do território do departamento de Tarija.
- Mojeños Baures e Joras, que ocupam um território entre os departamentos de Santa Cruz e Beni.
- Araonas e Toromonas, que estão entre o departamento de La Paz e Pando.
- Pacaguaras, que se encontra entre Pando e Beni, etc.
- Mosevenes, assentado entre os limites do departamento de La Paz e Cochabamba com Beni.

Ao tecermos um mapa político e econômico desse país fronteiriço destacamos que a Bolívia está catalogada entre os três países mais pobres da

América Latina, depois de Honduras e Nicarágua; ao mesmo tempo apresenta grandes níveis de desigualdades sociais.

Perceba-se na tabela n.º 3 os indicadores de pobreza de acordo com a área geográfica do ano de 2005 e até hoje os índices de pobreza continuam se alastrando.

DESCRIPCION	TOTAL BOLÍVIA	ÁREA URBANA	ÁREA RURAL
POBLACIÓN (HAB.)	9'366.312	6'001.837	3'364.475
POBLACIÓN POBRE (HAB.)	5'584.772	2'891.635	2'693.137
POBLACIÓN EM POBREZA EXTREMA (HAB.)	5'947.130	2'686.068	2'811.062
INCIDENCIA DE POBREZA (%)	59,63	48,18	80,05
INCIDENCIA DE POBREZA EXTREMA (%)	39,69	20,48	65,62
BRECHA DE POBREZA (%)	33,30	20,25	56,58
INTENSIDADE DE POBREZA (%)	23,36	11,14	48,16

Tabela 3: Indicadores de pobreza, conforme a área geográfica
 Fonte: Instituto Nacional de Estadística (2005)

A tabela n.º 3 demonstra que o menor índice de pobreza encontra-se na zona urbana e a zona rural detém um número maior com uma incidência que chega de 80 a 100%.

A pobreza é oriunda da falta de emprego, de cultura, de condições sociais e acima de tudo de ter oportunidades para melhor sorte na vida.

3. LÍNGUAS DE FRONTEIRA DENTRO DE UM PRISMA LINGUÍSTICO

É muito comum constatarmos ou ouvirmos diferentes formas das linguagens praticadas nas regiões de fronteira, em especial, vamos nos deter ao espaço geográfico que circunda a região Corumbá x Puerto Suarez – Brasil – Bolívia.

Nessas regiões é falado o português do lado brasileiro e o espanhol do lado boliviano, porém muitos na ansiedade de querer agradar o povo vizinho ou no sentido de aproximação acaba falando o “portunhol”, originando de certa forma uma terceira língua ainda não oficializada.

Essa visão linguística deixa-nos uma idéia de aproximação das línguas principalmente quando o contato está bem próximo, e permite uma formação cultural e educacional que é alicerçada oriunda do ensino do país vizinho, integrando os continentes com recursos e tecnologias bem antagônicas e que ao mesmo tempo se completam.

A aprendizagem das línguas depende de um complexo de adaptação das circunstâncias da vida, tais como dificuldades de aprendizagem, dificuldade de adaptação, o ambiente e suas proporções, a língua materna, o meio social de convivência, uma segunda língua falada, as imprevisíveis situações do dia a dia, a materialidade das coisas, a parte psicológica, ou seja, muitos fatores contribuem para essa aprendizagem.

Esse contato deixa-nos uma possibilidade de refletir pela situação do Mercosul, onde o espanhol e o português são línguas que ascendem o status já que uma delas passa a vigorar como língua em primeira opção e a outra como língua em segunda opção.

As línguas – espanhol e português são tão próximas que se deparam com uma identificação metodológica que possibilitam o falar diferente e inovador, “o portunhol”.

Percebemos que há mais de 200 anos essa aproximação é existente na nossa região e a situação de nossas línguas ainda são muito incertas e dependem de uma política de ajuste que é devidamente comprovado geograficamente pela zona fronteira e possibilita a união dessas duas línguas.

As diferentes raças, convívio e necessidades dos serviços fazem com que a fronteira tenha uma relação que está inserida dentro de uma prisma social e de visões diferenciadas constituindo uma interface de culturas.

Temos que considerar que existe uma dualidade na linguagem, ela é a um só tempo, integralmente formal e integralmente atropelada pelos embates subjetivos e sociais, vivemos e dependemos do meio social em que estamos envolvidos.

É preciso que nossas autoridades do lado boliviano e brasileiro façam uma análise e com intuito de mapear as diferentes etnias que convivem e fazem o contato nessa região de fronteira.

A nossa região de fronteira vive em constante contato lingüístico entre o português e o espanhol que advém também de outros contatos como os militares que adentram o nosso território, oriundos de várias regiões do país e expande assim uma heterogeneidade de sotaques e formas variadas de falas e juntamente um maior poder econômico, social e cultural que começa a circular nessa região de fronteira.

O espaço geográfico que delimita a fronteira Brasil x Bolívia tem como limite o posto fiscal da Receita Federal, e temos nesse limite – o sentido Leste x oeste - lado brasileiro; sentido oeste x leste – lado boliviano, com cerca de 5 km.



Figura 3: Prédio da Receita Federal na Rodovia Ramon Gómez (vista frontal)
Fonte: Morais (2009)

Ressalta-se que o uso da prática linguística apresenta-se sempre confusa por vários motivos entre os quais destacamos os fatores políticos, sociais, culturais e financeiros.

A facilidade de entrada e saída de brasileiros e bolivianos na região de fronteira e as línguas faladas o espanhol é o “castelhano” do lado boliviano ou português que são utilizadas por brasileiros que moram em ambos os lados ou ainda

utilizadas por cidadãos bolivianos que moram do lado brasileiro e o inverso também acontece do lado brasileiro falando-se o português marcando assim suas raízes em ambos os lados da região fronteira.

A fronteira é um território não conhecido marcado por grandes diferenças por isso mesmo um tanto quanto exótico.

Essa região de fronteira mostra-nos uma situação lingüística bastante heterogênea e apresenta situações de dualidade português-espanhol ou espanhol-português.



Figura 4: Vista interna da fronteira sentido Brasil - Bolívia posterior ao Posto de Fiscalização da Receita Federal (lado brasileiro)

Fonte: Morais (2009)

Esse contato fronteiriço e pela facilidade de aproximação em todos os sentidos permite-nos uma situação diferente e de fácil acessibilidade.

O portunhol, não é oficial, nem tampouco nativa, não são dos imigrantes, não é gramaticalmente aceita, porém, funciona como uma prática lingüística constante por grande parte da população fronteira por aqueles que visitam esse espaço e a usam como forma de persuasão e aproximação, muito embora algumas variantes dialetais de algumas regiões do nosso país trazem seus sotaques das regiões de origem.

A ocupação da zona fronteira ocorreu por um processo migratório de brasileiros e bolivianos que entenderam ser mais fácil conviver “no meio” literalmente no meio, ficando as escusas ora sou brasileiro, ora sou boliviano, ora sou fronteiriço, sendo aquilo que lhe facultar os melhores e maiores benefícios.

Os imigrantes têm uma grande dificuldade de reconhecerem-se como fronteiriços, sentem muitas dificuldades e constrangidos por serem identificados como pertencentes ao território de fronteira e acreditam que não vivem essa condição de fronteiriço.

A nossa fronteira de principal acesso e visada pelas autoridades competentes dos dois países é uma fronteira seca e recebe muitos imigrantes como árabes e palestinos, além de um processo migratório de cidades brasileiras como: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

O fronteiriço utiliza-se de um dialeto misto – português x espanhol, ou espanhol x português que é chamado “portunhol” .

Hensey (1965) acredita que o contato lingüístico procura descrever o bilingüismo nas comunidades fronteiriças em especial das urbanas.

Ocorre pelo domínio de um dialeto do espanhol padrão – espanhol regional e de um dialeto português na Bolívia . No entanto, para Carvalho (1998), a situação das práticas lingüísticas nessa zona fronteiriça é na verdade a caracterização de que português é esse que se pratica e como ele se distribui, dado a que a mistura dos sistemas lingüísticos do português e do espanhol não são aleatórias tal como afirma Elizaincìn, Behares & Barrios (1987), mas são condicionadas por fatores extralingüísticos. nas zonas mais urbanas, é um dialeto do português brasileiro urbano.

Os dialetos são classificados também como línguas e a dificuldade em definir o “portunhol” está nos sentidos que foram sendo constituídos pelo senso comum, especialmente, por referir negativamente, por dizer o “mal falar” uma das línguas da mistura, em geral, de brasileiros em relação à língua espanhola.

A fronteira tem como base uma prática lingüística instituída, seria como uma “terceira língua”. A segunda hipótese é a de que o “portunhol” é uma “interlíngua”, remete ao processo de aquisição, especialmente do espanhol por parte de falantes brasileiros, e seria uma situação intermediária desse processo no qual os alunos misturam as línguas em nível gramatical e discursivo.

Conforme Raffestin (apud OLIVEIRA, 2006, p. 165), a fronteira é compreendida como zona de contacto e limite, ou seja, é uma linha de separação definida que “[...] cristalizada se torna então ideológica, pois justifica territorialmente relações de poder”.

O enfoque é sempre do ponto de vista das influências do espanhol/castelhano, dos influxos, dos espanholismos do vocabulário corumbaense e da entonação e pronúncia do dialeto corumbaense que se aproxima do carioca.

O “portunhol” é considerada a língua do Mercosul, embora não oficializada, por que temos que entender que as línguas oficiais do Mercosul são o Português e o Espanhol, conforme está declarado no Tratado de Assunção.

A língua de fronteira Brasil – Bolívia envolve uma questão política que depende de um planejamento de uma ação político-linguista que auxilie a decidir como proceder e que língua deve ser oficializada e ensinada, principalmente nas escolas primárias.

Ao aplicar essa rede de conceitos semântico-políticos às línguas do Mercosul - o português e o espanhol - podemos inferir que cada uma delas constitui a base para o exercício do poder, delimita a fronteira geográfica, identifica uma comunidade, e acentua a etnicidade do povo que a utiliza. Em função de tais circunstâncias, há de se perguntar: que papel sócio-político e lingüístico terá o “portunhol” nesse contexto de nacionalidade?

Ao contrário de fixar normas para o exercício do poder plural, ao contrário de delimitar e identificar os espaços geográficos instituídos, ao contrário de possibilitar a identidade comunitária de cada povo e, finalmente, de fixar os referentes étnicos, provocará uma exacerbação nacionalista porque adulterará o único bem territorial, pátrio e nacional que um povo herda gratuitamente de seus ancestrais que é sua língua mãe, ou seja, a nacional.

Nesse sentido, o conceito de língua está diretamente relacionado ao de nação, isto é, ambos são referentes as suas referidas etnias.

Uma língua não se compra, uma língua não se empresta para pegá-la de volta mais tarde; uma língua se impõe pelo poder superior do País, ou uma língua se herda no seio da família que a abriga.

Várias são as denominações para esta variante lingüística de fronteira, mas, será que o “portunhol” é uma interlíngua?

A verdade dessa pergunta depende da influência de uma língua sobre a outra que depende do ensinamento e da utilização adequada dessas línguas.

O “portunhol” é visto no Brasil e até na fronteira como um flerte, uma piada, uma pessoa que deseja muitas vezes se mostrar a um determinado grupo da sua

vasta comunicação e que consegue fazer o intercâmbio e “cambiar”, termo usado para os adeptos da região de fronteira, para fazer os melhores negócios.

Brasil e Bolívia são países muito próximos, e por isso deveria haver uma secretaria de planejamento fronteiro ou algo semelhante para planejar, rever, agir e possibilitar o verdadeiro intercâmbio e estudar as melhores ações a serem decididas e definidas pelos governos dos dois países.

A secretaria iria auxiliar numa postura de verificar qual a interferência das nossas línguas uma sobre a outra e qual procedimento a ser adotado numa possível mudança lingüística em nossa região fronteira orientando as formas de ensinamento das línguas oficiais e de verificar a possibilidade de inserir o “portunhol” como uma terceira língua oficializada e registrada.

Sabe-se que a utilização efetiva de uma língua é a que a torna viva, e quanto menos esta é usada poderá ficar sem utilidade e sem finalidade prática de utilização, já que o “portunhol” é tão usado em nossa região, em seu uso social e nas interações do dia-a-dia, portanto, é seu uso social que determina seu grau de utilização e de praticidade.

O “portunhol” é visto como uma língua da fronteira, já que o português consolida o Brasil, o espanhol consolida a Bolívia e o “portunhol” consolidaria quem? Como ficaria o poder que a língua traz dentro do prisma geográfico, econômico, social e político.

A região de fronteira pode confundir o educador e o próprio educando nas misturas dialetais utilizadas e aplicadas em sala de aula, confunde o educador no que tange às considerações de “certo” e “errado” na forma escrita e oral.

Considerar errado uma língua através da qual você consegue comunicar sua mensagem, só porque gramaticalmente não construiu uma frase perfeita será que não poderia ferir o brio, a personalidade e a possibilidade de crescimento dos estudantes.

Vamos apresentar abaixo alguns dados que foram extraídos da observação e entrevista dos professores, alunos fronteiros e bolivianos na escola CAIC, por alunos dos sétimos aos nono anos.

Sexo	Masculino	Feminino	Total
7º	7	20	27
8º	12	12	24
8º/9º	11	20	31
8ºA	11	10	21
9º	14	23	37
Total	55	85	140

Tabela 4: Sexo dos entrevistados por série
 Fonte: Morais (2009)

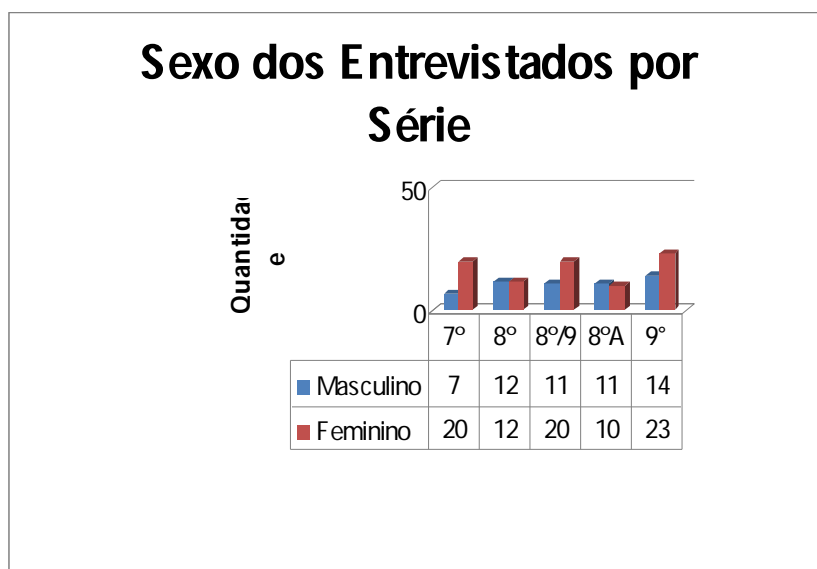


Gráfico -1: Sexo dos entrevistados por série
 Fonte: Morais (2009)

Idade	11	12	13	14	15	16	17	18	Total
7º	5	20	1	1	0	0	0	0	27
8º	0	0	5	19	0	0	0	0	24
8º/9º	0	0	2	9	15	2	1	2	31
8ºA	0	0	19	2	0	0	0	0	21
9º	0	0	3	19	7	5	2	1	37
Total	5	20	30	50	22	7	3	3	140

Tabela 5: Idade dos entrevistados por série
 Fonte: Morais (2009)

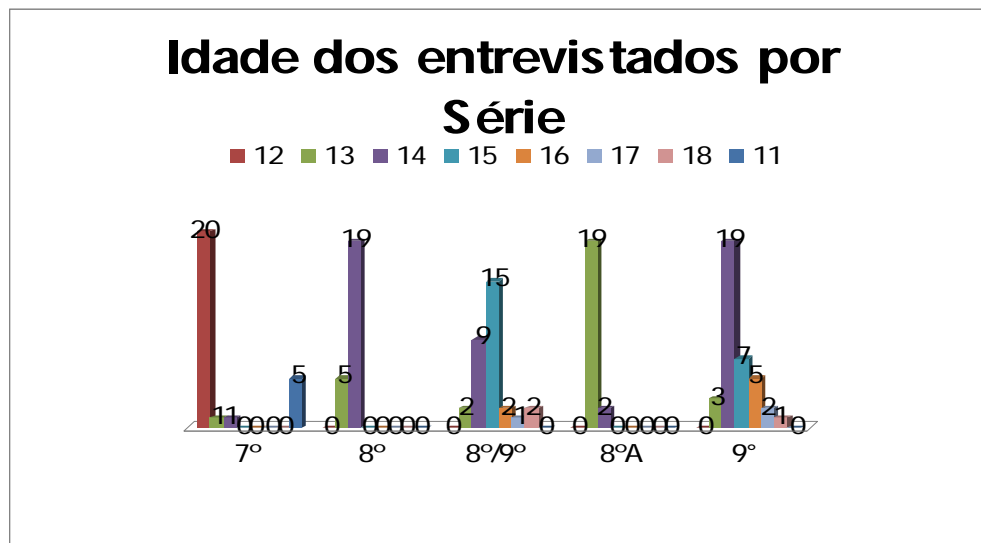


Gráfico 2: Idade dos entrevistados por série

Fonte: Moraes (2009)

Filiação	Brasileiros	Bolivianos	Pai Boliviano	Mãe Boliviana	Não Informado	Total
7º	20	1	4	1	1	27
8º	17	3	3	1	0	24
8º/9º	23	3	2	2	1	31
8ºA	15	2	2	2	0	21
9º	26	4	2	3	2	37
Total	101	13	13	9	4	140

Tabela 6: Filiação dos entrevistados por série

Fonte: Moraes (2009)

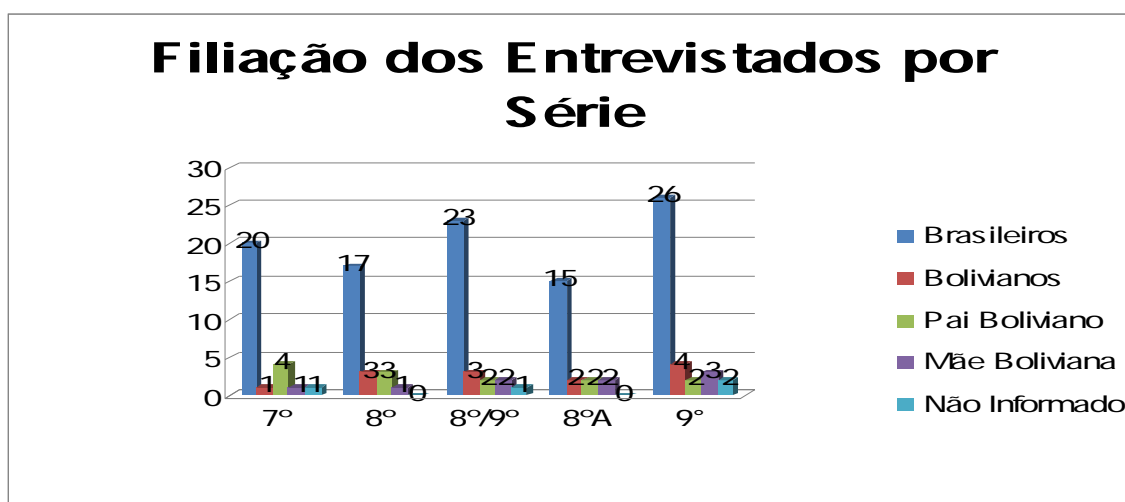


Gráfico 3: Filiação dos entrevistados por série

Fonte: Moraes (2009)

País de Residência	Brasil	Bolívia	Não Informado	Total
7°	21	5	1	27
8°	17	4	3	24
8°/9°	22	9	0	31
8°A	17	3	1	21
9°	26	7	4	37
Total	103	28	9	140

Tabela 7: País de residência dos entrevistados por série

Fonte: Morais (2009)

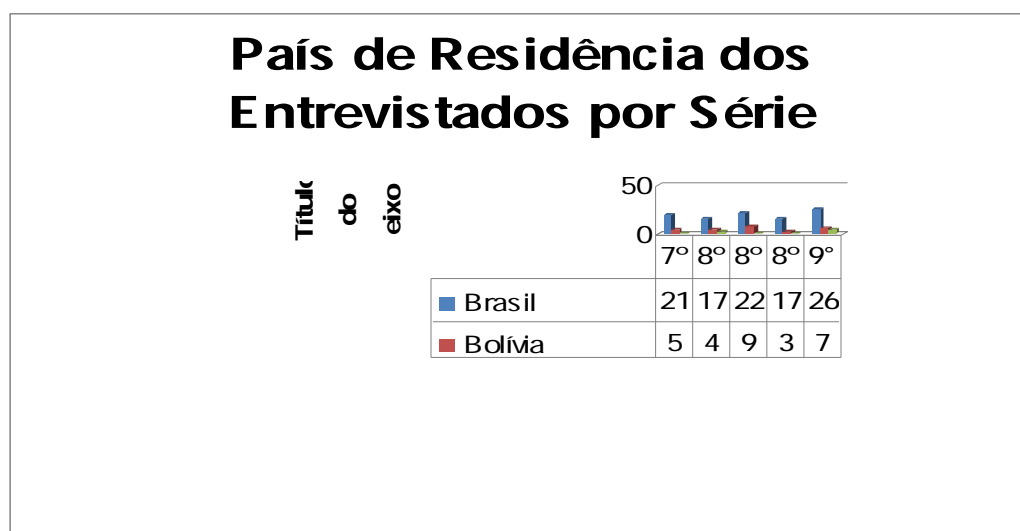


Gráfico 4: País de residência dos entrevistados por série

Fonte: Morais (2009)

Motivo de Residência	Local de Nascimento	Local de Trabalho dos Pais	Preferência dos Pais	Preferência dos Familiares	Residência dos Pais	Residência dos Familiares	Residência em Corumbá	Não Informado	Total
7°	0	2	3	1	0	1	20	0	27
8°	1	1	1	0	1	0	17	3	24
8°/9°	0	0	2	2	1	1	22	3	31
8°A	0	1	1	0	0	1	17	1	21
9°	0	0	2	0	2	3	26	4	37
Total	1	4	9	3	4	6	102	11	140

Tabela 8: Motivo de residência dos entrevistados por série

Fonte: Morais (2009)

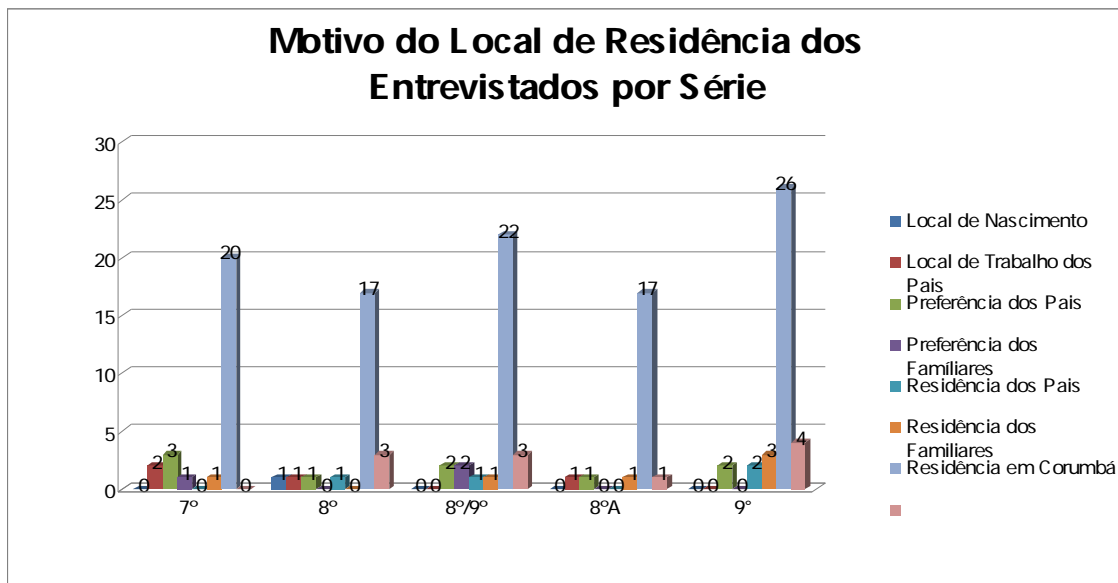


Gráfico 5: Motivo do Local da residência dos entrevistados por série

Fonte: Morais (2009)

Meio de Locomoção para a Escola	Caminhada	Bicicleta	Carro Próprio	Moto	Táxi	Moto /Carro	Ônibus	Ônibus/Carro	Não Informado	Total
7º	6	1	7	1	3	0	0	0	9	27
8º	15	1	4	0	1	0	0	0	3	24
8º/9º	17	0	8	1	2	1	1	1	0	31
8ªA	13	1	6	0	0	0	1	0	0	21
9º	21	1	8	1	2	0	1	1	2	37
Total	72	4	33	3	8	1	3	2	14	140

Tabela 9: Meios de Locomoção para a Escola dos entrevistados por série

Fonte: Morais (2009)

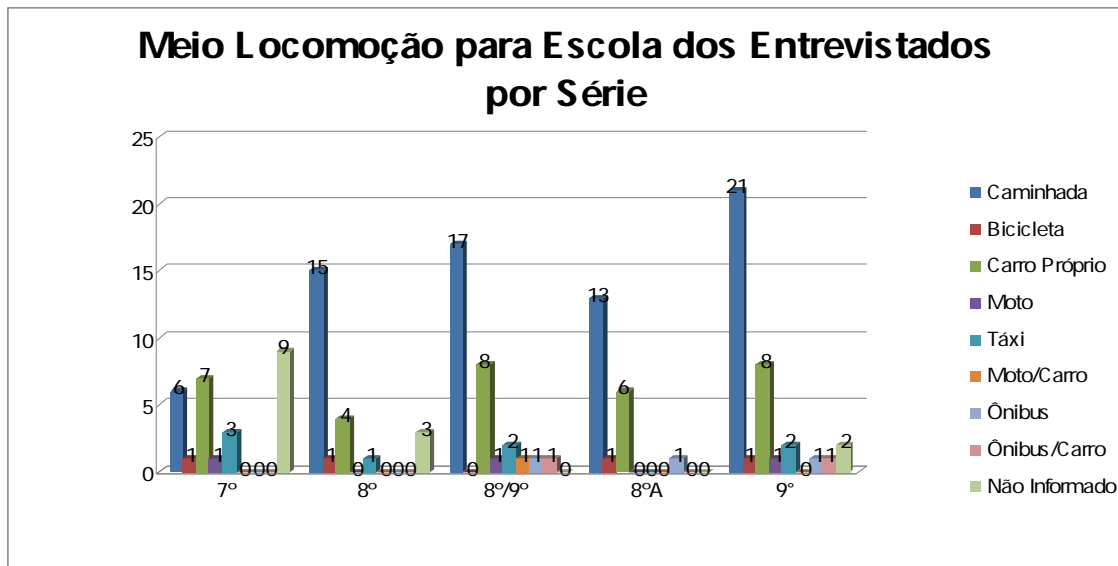


Gráfico 6: Meios de Locomoção para a Escola dos entrevistados por série
Fonte: Morais (2009)

Relacionamento com colegas	Ruim	Regular	Bom	Excelente	Não Informado	Total
7º	1	11	12	3	0	27
8º	0	13	6	5	0	24
8º/9º	5	6	12	8	0	31
8ª	0	6	11	4	0	21
9º	2	10	16	8	1	37
Total	8	46	57	28	1	140

Tabela10: Relacionamento com colegas dos entrevistados por série
Fonte: Morais (2009)

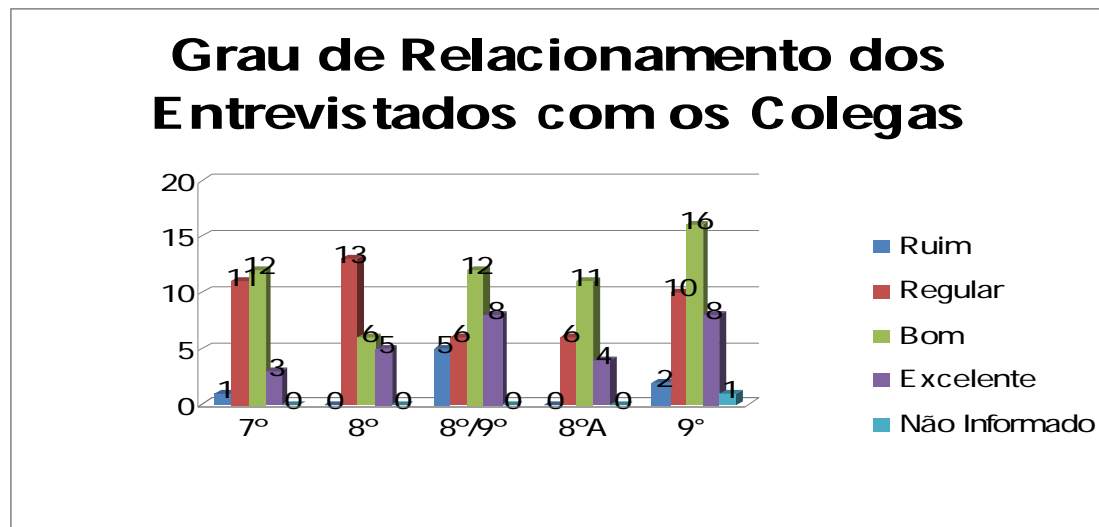


Gráfico 7: Grau de Relacionamento com colegas dos entrevistados por série
 Fonte: Morais (2009)

Entendimento de Ambas as Línguas	Ruim	Regular	Bom	Excelente	Não Informado	Total
7º	1	9	8	1	8	27
8º	5	9	8	2	0	24
8º/9º	2	6	20	2	1	31
8ºA	0	0	15	5	1	21
9º	3	5	26	3	0	37
Total	11	29	77	13	10	140

Tabela 11: Entendimento de ambas as línguas dos entrevistados por série
 Fonte: Morais (2009)

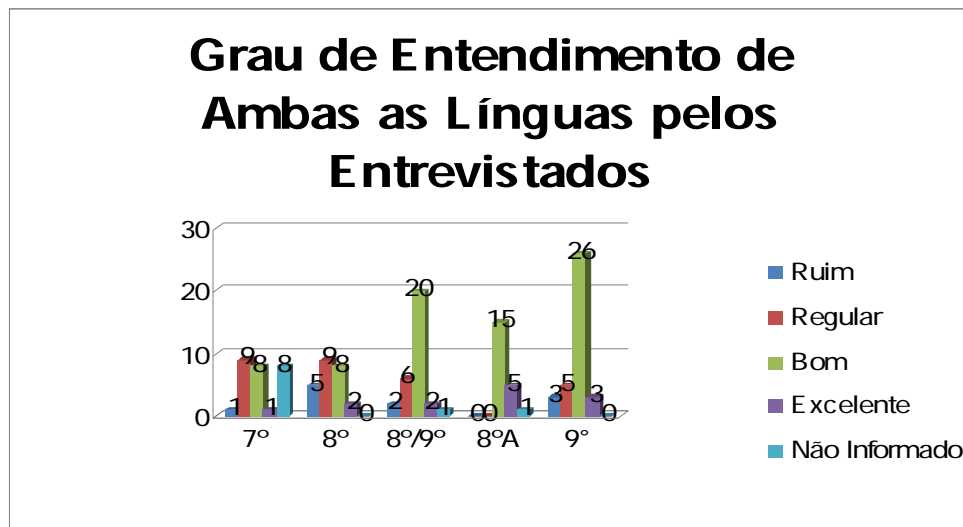


Gráfico 8: Grau de entendimento de ambas as línguas dos entrevistados por série
Fonte: Morais (2009)

Os gráficos acima evidenciam a pesquisa demonstrando que existe uma preocupação de entender e aceitar colegas estrangeiros em sala de aula, mesmo que haja alguns sacrifícios para o entendimento e relacionamento pessoal.

Para alguns professores brasileiros, os resultados dessa terceira língua são uma interferência negativa porque consideram os erros de mistura de línguas prejudicial ao aprendizado, principalmente no que tange a alguns fatores fonológicos, morfológicos, na construção do léxico e da sintaxe.

Alguns desvios de linguagem apresentados por alguns alunos nas grafias, na gramática e no vocabulário demonstraram a fragilidade dos alunos fronteiriços quando se vê envolto em situações que dependem de leitura mais dinâmica.

A apresentação para várias pessoas mesmo que essas sejam colegas de sala de aula, o entendimento as vezes é deficitário pois há uma compreensão que pode ser mal interpretada e não há uma igualdade de entendimento, pois alguns passam mais tempo em suas casas falando o espanhol e voltam à sala de aula e se deparam com o português.

A fronteira Brasil – Bolívia é riquíssima na heterogeneidade cultural e diversificada de valores.

3.1 O “portunhol” uma nova língua em nossa região de fronteira?

O “portunhol” para alguns tornará uma nova língua na região de fronteira, para outros é uma forma de defesa para aqueles que não conseguem falar corretamente nem uma língua e nem outra, em especial o espanhol.

É considerado “portunhol” a junção dos dois idiomas português e espanhol, também os falantes que tentam falar o espanhol sem conhecer as regras e os falantes que tentam falar o português e não conhecem a regra.

O “portunhol” será em pouco tempo uma terceira língua na região de fronteira e para que isso se consolide é necessário que não haja preconceito, já que esta é uma manifestação espontânea, natural e que vem de uma cultura peculiar de cada povo.

A falta de conhecimento da aplicação das regras de uma língua diferente, pouco usada, passa por situações específicas para atender uma certa demanda momentânea e conquanto cada um de nós possui intrinsecamente um léxico próprio que nos dá uma certa autonomia de criar a sua própria língua, desde que se faça ser entendido perfeitamente.

O “portunhol” é muito falado de forma informal, fora de um estágio regulamentado nas escolas, cursos entre outros, mas passa facilmente a ser utilizado nas ruas, nos negócios, em câmbios, no dia a dia em regiões de fronteira, na verdade, é uma língua livre sem burocracias e sem regras.

Ricardo Scaramucci (1996) (apud FANJUL, 2002 – p.48) destaca que o portunhol como interlíngua, e no marco das abordagens comunicativas do ensino de línguas, propõe a necessidade de distinguir entre “comunicar-se” como “fazer-se entendido”, e “comunicar-se adequadamente dentro de cada situação ou tarefa.

É difícil o brasileiro falar o espanhol com conhecimento das regras e vice versa, portanto, conviveremos com esta situação pelo resto da vida, sempre haverá alguém que refutará a sua própria língua em detrimento de outra para que haja a devida comunicação esperada.

Aprender o espanhol ou o português é um processo gradativo e ajudará no processo diário das atividades que a população busca para haver a verdadeira comunicação, tendo um emissor – receptor – o canal – a mensagem com o devido entendimento mesmo com precariedade nas informações.

3.2 A linguagem

A linguagem na região de fronteira é muito rica e possui a língua portuguesa, espanhol, “portunhol” não oficializado, quéchua, guarani, árabe, vindo da influência dos comerciantes árabes da cidade de Corumbá, entre outras que diariamente entram em nossa região.

A língua é muito interessante, cheia de entraves e como diz LARA (2004):

“É comum, porque todos falam e usam, na medida de suas necessidades, a língua. Por outro lado, é misteriosa, por que a linguagem está cheia de enigmas. (p. 9).

A metalinguagem cotidiana é um trabalho muito importante que leva-nos à reflexão sobre a lingüística aplicada de cada região e a problemática que a mesma pode trazer num entendimento mal formulado, mal interpretado.

Bruno (2004- p.19) aponta que a atividade metalingüística é indispensável à construção do saber sobre a língua (pelo menos tão legítimo quanto todos os outros saberes sobre os demais objetos que a escola oferece).

Os alunos do CAIC juntamente com os professores trabalham para que haja um perfeito entendimento, ou pelo menos que haja compreensão da mensagem passada por alunos brasileiros e fronteiriços, além daqueles que pouco falam e entendem o português.

Surge-nos uma dúvida, existe uma língua ideal? Perfeita? Todas as línguas tem seus problemas e seus fantasmas, e suas dificuldades diárias de entendimento e compreensão do leitor e do ouvinte.

O português é uma das línguas mais difíceis, mais complicadas principalmente no que tange as regras gramaticais, no entanto, é belíssima, rica, farta e de um vocabulário invejável, que precisa ser aplicada corretamente para evitar alguns dissabores.

O espanhol é uma língua que tem fácil entendimento e compreensão, entretanto, existem alguns falsos cognatos que leva-nos à interpretação dúbia se for mal formulada ou se for utilizar uma oralidade sem qualidade na expressão das palavras.

Muitas vezes os erros e a má utilização da língua se dá por preguiça, falta de interesse, falta de entendimento, falta de compreensão das palavras, falta de

vontade e isso provoca uma decadência da língua impedindo o crescimento cultural e uma melhor veiculação dessa língua.

A língua liga dois países, dois mundos diferentes, produz uma interdisciplinaridade linguística e facilita a condução dos trabalhos em sala de aula entre professores e alunos que fazem o crescimento cultural e social desta forma produz um fator de encantamento, de desejo, de vontade, de percepção pela língua.

3.3 O uso dos artigos “lo” e “la” usados como elo de ligação

Este capítulo aborda a função sociolingüística e a utilização dos artigos “lo” e “la” usados como elo de ligação Brasil – Bolívia na região de fronteira, em especial no CAIC, justamente pela proximidade geográfica da fronteira localizada na divisa dos dois países separados apenas por uma fronteira seca e de fácil acesso em ambos os espaços.

A fronteira Brasil-Bolívia é bastante conturbada no que tange à língua espanhola e brasileira e os alunos vivem com essa situação lingüística, cultural e fronteiriça, tanto que a língua espanhola é falada na Bolívia, na região de fronteira e no Brasil essa língua vem crescendo aceleradamente.

Essa dicotomia e possibilidade de uso das duas línguas são unidas através de gestos, atos, interatividade, mas também em função dos artigos “lo” e “la” utilizados com a maior naturalidade na escola CAIC como se não obedecesse regra gramatical nenhuma em especial aos falantes do “portunhol” que ligam substantivos, adjetivos e outras classes gramaticais funcionando como uma ponte, um elo de ligação entre os países vizinhos e as cidades fronteiriças.



Figura 5: Placa de boas vindas do lado boliviano com o uso do artigo “la”
Fonte: Morais (2009)

O impressionante que o contato de alunos x alunos, professores x professores, professores, alunos x direção e alunos x funcionários da escola se faz através da utilização do artigo como se pudesse criar um mecanismo direto de conversa e impedindo quaisquer barreiras na falta de entendimento ou fluência da língua estrangeira e estes artigos propiciam uma ligação de forma simplificada e de fácil entendimento e compreensão.

Os fronteiriços alunos usam as duas línguas, principalmente pela convivência diária que passa em sala de aula já que um terço do dia, no mínimo, é passado nessa instituição de ensino e todos se entendem e aprendem a língua do outro sem esforço, sem cobranças, sem stress, e com um método mais gostoso e harmônico, mesmo que algumas palavras tenham que ser compreendidas gestualmente ou pelas expressões faciais.

O uso ora uma língua, ora de outra, possibilita alguns a usarem de forma fluente outros com um pouco mais de dificuldade, mas sempre mantendo o elo que é a comunicação.

Percebe-se que, embora algumas palavras sejam usadas tanto no lado brasileiro quanto do lado boliviano que não pertençam ao léxico do ouvinte e ou falante ou mesmo sem uma ferramenta adequada como o dicionário, existe comunicação entre eles.

O caminhão traz o artigo “la” escrito em ambos os lados das portas do veículo evidenciado em letras de forma destacando assim morfologicamente o seu artigo, assim como em estabelecimentos comerciais, públicos, militares, pórticos de entrada e placas indicativas do lado boliviano.

Ex. La casa del construtor.



Figura 6: O artigo “LA” em uso na cabine do caminhão
 Fonte: Morais (2009)

As conversações dos alunos e explicações dos professores tornaram-se tão natural como se não tivessem estrangeiros em sala de aula, apenas deve-se ter o cuidado para não falar muito rápido e impedir a compreensão lexical.

Conforme Larousse (2003 - p. 103) “O artigo neutro “lo” é utilizado para substantivos e adjetivos, os participios ou as locuções adjetivas: todo “lo” contrário, muito pelo contrário, lo mejor que puedes pacer es callar(o melhor que você pode fazer-se é calar-se).

Os dicionários, gramáticas e livros são usados para pesquisa, mas dificilmente o utilizam para o dia a dia como se fossem uma fonte de uso comum.

Quando não há entendimento da mensagem, entre falantes do espanhol e do português há sempre a compreensão de um dos lados que traduz e facilita a comunicação para ambos.

As atividades de sala de aula nem sempre compreendidas podem ser resolvidas quando há o gesto de levantar as mãos pela falta de entendimento e assim o professor poderá repeti-la ou mesmo solicitar que alguém faça uma ponte aluno x aluno que tenha compreendido melhor.

Os fronteirios falam bem devagar para que todos o entendam, muito embora o sotaque característico e inegável fica marcado.

Os alunos fronteirios escrevem com alguns erros gramaticais por causa do entendimento e o constante conflito lingüístico que estes vivem , lendo, ouvindo e escrevendo ora do lado boliviano ora do lado brasileiro deixando-os um pouco perturbados na prática da escrita e ocasionando algumas distorções gramaticais.

Os alunos leem com muita fluidez, porém como exposto acima, o sotaque é muito forte e característico do fronteiroço inegavelmente impedindo que não o vejam como estrangeiro, sotaque com um cantado e um agudo muito forte como se fosse um estilo próprio e peculiar do país vizinho, a Bolívia.

A linguagem fronteiroça se evidencia através dos alunos é muito forte até porque os pais falam com seus filhos do seu jeito, na escola usam outra forma e cada vez mais mantém viva essa chama acesa, e essa confusão na cabeça.

Os alunos fazem uma interação tão boa em sala que compreendem-se de forma que mesmo as palavras conhecidas como falsos cognatos (palavras que parecem dizer algo e é outro significado totalmente diferente), às vezes o próprio fronteiroço evita usá-las ou mesmo reforçar o significante do léxico usado.

Os estudantes conhecidos também como estudantes estrangeiros naturalmente fazem que as culturas sejam multiplicadas, melhoradas, adaptadas, seja em sala de aula, seja no ambiente social dentro e fora da escola.

Os estudantes estrangeiros são ajudados, apesar das dificuldades e instiga uma maior interação entre eles, para melhor aplicação das regras de: ortografia, silabação, escrita, pronúncia, flexões gramaticais e lexicais, a utilização da sintaxe, e da morfologia.

É muita informação que precisa, além dos livros e dos ensinamentos dos professores em sala de aula que estejam ambientados nessa nova linguagem que está sendo inserida em suas vidas para bem ajudá-los para que estes construam com coerência e coesão no entendimento e na linguagem.

3.4 Imigrantes bolivianos na região de fronteira.

Em 2008 comecei a desenvolver um projeto de verificação, de conhecimento de averiguação com alunos fronteiroços, bolivianos que estudam na escola CAIC situada no Bairro Dom Bosco – na cidade de Corumbá-MS a 5m da fronteira com a Bolívia.

Nestes dois países Brasil e Bolívia concentra-se um número muito grande de fronteiroços e bolivianos que moram no país vizinho e pela facilidade de circulação sem serem percebidos, deixando rastros de etnias, de história, da sua língua, um

verdadeiro casamento heterogêneo com múltiplos estereótipos que acabam modificando verdadeiros rumos de histórias do dia-a-dia.

Conforme Denise Fagundes Jardim (Apud Oliveira, 2004 – p.126) Assim, a etnia não poderia ser vista como um laço primordial, a não ser na versão defendida por nacionalistas.

Essas averiguações levaram à reflexão sobre os mecanismos sociais que a Bolívia e o fronteiro vive já que socialmente constatado é um país pobre e muitas vezes depende da ajuda de outro para poder não só crescer, mas pelo menos sobreviver, e para tanto depende de uma convivência pacífica, harmoniosa com o outro, com grupos que não pertencem diretamente ao seu meio, ao seu convívio social.

De certa forma é expandir a família para que ela cresça e que suas raízes possam atingir grandes profundidades de relacionamento e melhorar a vida daqueles que já sofrem bastante pela miséria, falta de espaço, política e socialização.

As senhoras que vivem do outro lado da fronteira acabam vindo trabalhar na cidade de Corumbá-MS, para manter sua subsistência e de sua família, trabalhando como domésticas: como lavadeiras, passadeiras, diaristas ou como babás.

Essas observações dentro e fora de sala de aula mostra-nos a convivência diária do fronteiro que na maioria das vezes vive calado, pouco fala, parece que tem receio de falar mal, de ser mal interpretado, de criar alguma polêmica ou mesmo de perder o pouco espaço conquistado num meio diferente do seu.

As famílias fronteiriças, apesar de suas dificuldades diárias e terem que enfrentar a RAMON GOMEZ (estrada que liga Corumbá – Bolívia) fazem de tudo para o seu crescimento pessoal e familiar, colocam os filhos na escola, mandam diariamente apesar das dificuldades de pegar ônibus, caronas, falta de condução, falta de dinheiro para merenda, falta de dinheiro para materiais escolares, para trabalhos em grupo entre outros problemas.



Figura 7: Estrada Ramon Gómez – sentido Brasil - Bolívia
Fonte: Morais (2009)

Destarte evidenciamos que há uma quantidade muito grande de práticas vivenciadas e observações que são vistas como diferentes, exóticas, pouco conhecidas e muitas vezes sem um amparo legal político, econômico, social, histórico e lingüístico.

O casamento entre povos das regiões vizinhas faz a miscigenação dessa área aflorar, recriando uma metodologia de integração dos países e desta forma cresce a diversidade lingüística e o poder econômico e social dessa família.

A maioria dos imigrantes bolivianos que residem ou pernoitam em nossa cidade trabalham no comércio considerado ilegal de ambulantes em portas de estabelecimentos comerciais, no camelódromo, andarilhos, ou como mascates para conseguirem capital pelo menos para a comida do dia.

Muitos vivem em péssimas condições sanitárias e higiênicas pela falta de estrutura ou até para manter a sobrevivência, levando inclusive suas crianças para ficarem a mercê de algumas doenças, deixando-as em baixo de barracas, em lonas, no chão puro, em forro improvisados por sacos plásticos, em forros de papelão sem nenhum tipo de limpeza, tudo isso para manter o filho perto, já que não há outra forma de se ganhar o seu sustento.

4. BILINGUISMO NA REGIÃO DE FRONTEIRA BRASIL - BOLÍVIA

O texto em pauta tem a função de apresentar um fato que existe na escola municipal CAIC Padre Ernesto Sassida no ensino fundamental conforme observações feitas.

O bilingüismo é uma marca principalmente para quem vive em região de fronteira, pois na medida que o emigrante possui uma língua diferente do país de origem, ou seja, a sua língua mãe, sobrepõe-se à língua falada do país de destino.

A análise fora feita durante o ano de 2008 e 2009 observando alunos do ensino fundamental fronteiriços e bolivianos da Escola Caic Padre Ernesto Sassida

Nas observações feitas em salas de aula, durante a entrada, recreio e saída dos alunos pude perceber a forma como conduzia a sua fala natural do seu país de origem, muito embora não respeitando tecnicamente todo aprendizado gramatical de sua língua e a do país que o acolheu para aprender o português e outras disciplinas.

Observa-se também que nem sempre os artigos lo e la são utilizados da forma adequada uma vez que se confundem com o artigo el que é neutro, mas entende-se por observações que os artigos lo e la ainda são a fonte de ligação entre imigrantes e brasileiros já que são as primeiras letras utilizadas para acompanhamento dos substantivos e adjetivos.

Vejamos algumas observações feitas da leitura do livro Inocência encontradas nos trabalhos executados por alunos dos 5.ºs aos 9.ºs e a forma que os mesmos utilizam os artigos ora com lo, la ou el.

I. O SERTÃO E O SERTANEJO - 177 artigos.

Parece que a solidão alarga os seus limites para se tornar acabrunhadora. Enegrece o solo; formam os matagais sombrios, maciços, e ao longe se desdobra tênue véu de um roxo uniforme e desmaiado, no qual, como linhas a meio apagadas, ressaltam os troncos de uma ou outra palmeira mais alterosa.

I. EL CAMPO Y EL CAMPONES

Parece que ia soledad alarga sus limites para transformarse em desanimo. Enegrece el suelo, forman montes sombrios suaves y a lo lejos se desdobra um delicado velo de um violeta uniforme y desmaiado, em el qual, como líneas a médio apagadas, ressaltam los troncos de uma o outra palmera mas alterosa.

II. O VIAJANTE – 160 artigos

O dia 15 de julho de 1860 era dia claro, sereno e fresco, como costumam ser os chamados de inverno no interior do Brasil. Ia o Sol alto em seu percurso, iluminando com seus raios, não muito ardentes para regiões intertropicais, a estrada cujo aspecto há pouco tentamos descrever e que da vila de Santana do Paranaíba vai ter aos campos de Camapuã. (P.18)

II – EL VIAJANTE – 160 artículos

El dia 15 de Julio era dia claro, sereno y fresco, como costumbran ser los llamados de invierno em el enterion del Brasul. Allá el sol alto em su trajecto, alumbrando com con sur raios, no muy ardiente para regiones intertropicales la carretera cuja apariencia hay poço detalhe para describir y que de la villa de Santana de Paraíba va tener los campos de Camapuã.

III. O DOUTOR – 107 artigos.

A sua reputação de pessoa abastada era, em toda a cidade de Ouro Preto, tão bem firmada quanto a de refinado sovina, chegando a voz pública a afirmar que o seu dinheiro, e não pouco, estava todo enterrado em numerosos buracos no chão da alcova de dormir. (P.27)

III – EL DOCTOR

Su reputacion de persona bastada era, em toda la ciudad de Oro Negro, tan bien firmada cuanto la de fino miserable, llegando a voz publica a afirmar que su dinero. Y no poço, estava todo enterrado em numerosas agujeros em el piso del cuarto de dormir

IV - A CASA DO MINEIRO – 92 artigos.

Não desprezou o hóspede o convite. Tirou o pala, puxou as botas e, cruzando-as, fez dos canos travesseiros, em que descansou a cabeça. (P.32)

IV – LA CASA DEL MINERO – 92 artículos

No menosprecio el huspésped la invitacion. Saco al estiro lãs botas y cruzando-las, isso dos – almuadas em que descanso su cabeza.

V - AVISO PRÉVIO – 62 artigos.

Estava Cirino fazendo o inventário da sua roupa e já começava a anoitecer, quando Pereira novamente a ele se chegou. (P.34)

V- AVISO PRELIMINAR

Estava Cirino haciendo el catalogo de su ropa y já empmezaba a anochecer, cuando Pereira nuervamente a el se acercó.

VI - INOCÊNCIA – 92 artigos.

Não tinha nada que cortar, replicou Pereira. De nascença é o defeito e não pode ser remediado. Mas isto é um diabrete, que cruza este sertão de cabo a rabo, a todas as horas do dia e da noite. Não é verdade, Tico? (P-41)

VI - INOCÊNCIA

No temia nada que cortar hablo Pereira. De nasciencia es el defecto e no puede ser remediado es el defecto e no puede ser remediado. Mas esto es um dibute, que cruza este será de cola a rabo, a todas lãs horas del día y la noche. No es vuedade , Chico?

VII - O NATURALISTA – 56 artigos.

Pelo caminhar dos astros havia de ser quase meia-noite; e entretanto a essa hora morta, em que só vagueiam à busca de pasto os animais bravios do deserto, vinham a passo lento pelo caminho real dois homens, um a pé, outro montado numa besta magra e já meio estafada. (P-43)

VII – EL NATURALISTA

Por el caminar de los astros havia de ser casi media noche; y entre tanto a esa hora muera em que solo vagam em busca de pasta los animales bravios del desierto, veniam a paso lento por el caminar real de los hombres, una a pie outra montado em uma vestia flaca y ya media estafada.

VIII - OS HÓSPEDES DA MEIA-NOITE – 108 artigos.

Levantou-se o ofertante com toda a boa vontade e às apalpadelas começou a procurar a cama do patrão, o que só conseguiu depois de ter esbarrado na mesa e numas cangalhas velhas atiradas a um canto da sala. (p.50)

VIII – LOS HOSPEDE DE MEDIA NOCHE

Se levanto el ofertante com toda buena volunta a lãs apalpadelas y comenco a buscar la cama de su patrón, lo que solo consiguio despues es caerse en la mesa em cosar viejas tiradas em la esquina de la sala

IX - O MEDICAMENTO – 78 artigos.

Quando Cirino entrou no quarto de Inocência, já estava ela acordada. Sentara-se o pai à cabeceira da cama, a cujos pés se acorara Tico, o anão, sobre uma grande pele de onça.

IX . EL MEDICAMENTO

Quando Cirino entro em el quarto de inocência, há estava ella acordada. Se sienta em la amuada de cama, o cujos os el pie se cortara Tico. Ek no is una grande piel de onça.

X - A CARTA DE RECOMENDAÇÃO – 129 artigos.

Enfiava Pereira todas estas frases com surpreendedora rapidez, ao passo que Meyer o contemplava extático, à espera que a torrente de palavras lhe desse tempo e ocasião de exprimir algum vocábulo de agradecimento. (p.60)

X - O ALMOÇO – 72 artigos.

— Olhe, senhor Meyer, disse o mineiro servindo o alemão, isto é feijão-cavalo e do melhor. Misture-o com arroz e ervas; deite-lhe uns salpicos de farinha... (p.61)

X – EL ALMUERSO

- Mire, seno Meyer dijo el nino serviendo al aleman, esto es frejol – cavallo i del mejor. Mescle com arroz e hiervas, Echele um poquito de jarina...

XI - A APRESENTAÇÃO – 50 artigos.

Depois de atravessarem um quarto bastante escuro, chegaram os visitantes à sala de jantar, vasto aposento ladrilhado mas sem forro, a um canto do qual estava a filha do mineiro, mais deitada do que sentada numa espécie de canapé de taquara. Tinha os pés sobre uma bonita pele de tamanduá-bandeira, onde se acorara, conforme o hábito, o anão a quem Pereira chamara Tico. (p.64)

XI – PRESENTACION – 50 articulos

Despues que passaram um cuarto bastante oscuro llegaron los visitantes al corredor, amplio aposento ladrilhado pero sin forro, a um rincon em el cual estava la hija del minero, mas hechada que sentada em um tipo estera de tacuara. Tênia los pieses sobre uma bonita piel de oso hormiguero bandera, desde se agachado, como era de costumbre, ele nano a quien Pereira lhamara Tico. (p.64)

XII - DESCONFIANÇAS – 82 artigos.

Fique duas semanas, ou dois meses ou dois anos. Já lho disse: a casa é sua, e palavra de mineiro não volta atrás. Quem está aqui, não é o senhor; é meu irmão mais velho.

Agarrando então com força na mão de Cirino, acrescentou em voz surda e angustiada: (p.71)

XIII - REALIDADE – 84 artigos.

Prometia o dia ser muito cálido. Por toda a parte chiavam as estrídulas cigarras, e ao longe se ouvia o metálico cacarejar das seriemas nos campos.(p.72)

XIII - REALIDADE – 84 articulos.

Prometia el dia ser mui cálido. Por todas lãs parte chillavan los cucos, s a lo lejos se escuchava el metálico cacareco de los aves em el campo.

XIV - HISTÓRIAS DE MEYER – 107 artigos.

— Por ora... só leva a falar na pobre menina, que a Senhora Santana guarde de todo mal!... Pudesse eu adivinhar e, macacos me mordam, se punha os olhos em cima de Nocência. Nem que viesse com cartas e ordens do senhor D. Pedro II...(p.81)

XV - O EMPALAMADO – 136 artigos.

Conforme o prometido, trouxe Pereira a rede para a sala dos hóspedes e, encetando um modo de vigilância muito especial, ainda que perfeitamente inútil em relação à pessoa suspeitada, associou os sonoros roncoss do valente peito à ruidosa respiração de Meyer.(p.81)

XV - El EMPALAMA – 136 articulos

Conforme lo prometido, trajo Pereira lar ed para la classe de hospêdes y, mirando um modo de vigilância mui especial, todavia que perfectamente inútil um relacion à personas sospechadas ososcio los sonoros de valiente pecho la rodoza respeciôn de Meyer. (p.81)

XX.NOVAS HISTÓRIAS DE MEYER – 89 artigos.

Uma ocasião, de volta do trabalho diário, atingiu a habitual irritação de Pereira contra Meyer grande intensidade. Entrara cabisbaixo, sorumbático e fez gesto a Cirino de que precisava falar-lhe a sós. Dali a pouco, saindo ambos, caminharam silenciosos pela estrada até a um regato que ficava a meio quarto de légua da casa.(p.102)

XX. NUEVAS HISTÓRIAS DE MEYER – 89 articulos .

En una ocasion de vuelta de su trabajo diário, llego a su habitual irritacion de Pereira conta Meyer com grande intensidad. Entrara de cabeza baja, tristoño y isso um gesto a Cirino de que precisara hablarte silesniosos por la carretera hasta un pequeño rio quedara a médio cuarto de léguas de su casa.

XXI. PAPÍLIO INNOCENTIA – 34 artigos.

— E zelam com todo o cuidado a honra de suas famílias.

— Muito bem, replicou o mineiro, diga isso, e o senhor terá dito uma verdade. (P.107)

XXI - PAPÍLIO INNOCENTIA –

- El cueda com todo cuidado el honor de sus famílias.

- Muy bien, respondió el minero, diga esso , y usted abra decho uma verdada.

XXII. MEYER PARTE – 122 artigos.

— Toda a vida, respondeu o capataz... O que me *aflege* mais é que há comidas então que não me passam na goela... É um fastio dos meus pecados... Boto uns pedacinhos no bucho e parece-me que dentro tenho um bolo que me está a subir e descer pela garganta...(P.108)

XXII . MEYER PARTE – 122 articulos.

- Toda la vida, respondio el capataz... Lo que me aflige mas es que hay comidas que no me pasam por la garganta ... Es una ancia de mis pecados...Pongo unos pedacitos em mi barriga y parece que tengo dentro uma torta que esta a subir y a bajar por mi garganta...(p.108)

XXIII. A ÚLTIMA ENTREVISTA - 177 artigos.

Com efeito, depressa caminhava o alvorecer, e debaixo daquelas vivas impressões acordaram aqueles que haviam conciliados o sono, na morada de Pereira. (p.117)

XXIII . LA ULTIMA ENTREVISTA - 177 artículos

Con efecto, deprisa vandava el amanecer, y debajo de aquellas vivas imprisiones levantaram aquellos que habiam bienquistado el sueño, en la vivienda de Pereira.

XXIV. A VILA DE SANT'ANA - 165 artigos.

— Vejam lá o que é um homem estar como mulher... a bater língua... A tarde vem descendo, e muito tenho hoje que palmear... Minha gente, adeus... Senhor major, até mais ver... Senhor vigário, breve estou por cá... (p.121)

XXIV . A VILA DE SANT'ANA - 165 artículos

- Veam lo que es un hombre estar Mujer... a discutir lengua ... la tarde viesse descendo, y mucho tengo hoy que aplaudir... Mi gente adios... señor major, hasta mas ver ... señor vigário, breve estoy por a ca ...

XXV. A VIAGEM – 102 artigos.

Tão preocupado levava o moço o espírito que, nem sequer uma só vez, imitou o pio daquelas aves; distração, a que aliás não se furta quem por lá viaja, tão instantes os motivos de instigação. (p.123)

XXVI. A VIAGEM – 102 artículos

Tan preocupado llevaba el muchacho el espíritu que, ni sequera una sola vez, se copio el pio aquellas aves, distracción, la que ademas no se roba quien por allá viaja, tan instantes los motivos de estimulo.

XXVII. RECEPÇÃO CORDIAL – 71 artigos.

Depois de dar termo àqueles cuidados, penetrou na casa fazendo soar ruidosamente as esporas, que pelas dimensões desproporcionadas o obrigavam a caminhar firmado nos dedos do pé e com a planta levantada. O mineiro não cabia em si de contente. (p.125)

XXVII. RECEPÇÃO CORDIAL – 71 artículos.

Depões de dar termo à ellas cuidados, Penetra en la casa assiendos udave ruirosamente lãs esporas, que por la dimensiõem despopocionada lo obrigava a andar firmado em los dedos de los pie y com planta levantada. O Chico no entrava en si del contente.

XXVIII. RESISTÊNCIA DE CORÇA – 150 artigos.

Em seguida, montando o tropeiro a cavalo, partiu em carreira desapoderada para a vila de Santana do Paranaíba, onde chegou alta noite. (p.142)

XXX . RESISTÊNCIA DE CORÇA – 150 artículos

En seguida montando el tropero a caballo, partio a carera desapoderada para la Vila de Santan del Paranaíba donde lleo tarde de la noche.

XXIX. DESENLACE – 128 artigos.

Com a cautela própria dos seus hábitos esquivos, soube Manecão acompanhar-lhe todos os passos sem ser pressentido. (p.142)

XXX. DESENLACE – 128 articulos

Con la cautela propia de sua hábitos esquivos, sube Manecon a acompañarle tos sus pasos sin ser percebido.

EPÍLOGO REAPARECE MEYER – 37 artigos.

Inocência, coitadinha...

Exatamente nesse dia fazia dois anos que o seu gentil corpo fora entregue à terra, no imenso sertão de Santana do Paranaíba, para aí dormir o sono da eternidade. (p.148)

EPÍLOGO REAPARECE MEYER – 37 articulos

Inocência, Pobrecita...

Exatamente en este dia ásia dos año en que su gentil cuerpo era entregado a la tierra , en el imenso Sertão de Santana de Paranaíba, Para que nana dormir sueno de la eternidad.

Constatamos com essas observações que, o problema do bilingüismo está presente na nossa região de fronteira desde o convívio com fronteiriços e bolivianos com a cultura brasileira presente nas salas de aula e na escola.

O bilingüismo acaba sendo um processo educativo na região de fronteira e buscamos soluções, adotando atividades apropriadas e atendimento individualizado, pois as dificuldades encontradas pelos alunos são maiores, devido a cultura que já possuem, sua visão de mundo e do seu conhecimento popular, próprios do ambiente familiar e cultural em que vivem.

O bilingüismo é a condição de usuários de duas línguas e isto observado em meio aos alunos, essa aquisição pode se dar de diversas formas. Exemplos são os alunos e pais destes que vivem na região de fronteira.

Observou-se durante as atividades de sala de aula e extra-classe que a língua é um forte fator de interação entre os alunos e embora todo país tenha a sua língua oficial, mas não impede que os mesmos aprendam outra línguas, muito comum na nossa região de fronteira falarmos o português e o espanhol em função da proximidade com a vizinha Bolívia.

A escola CAIC Padre Ernesto Sassida é heterogênea composta por meninos e meninas que moram na fronteira, Bolívia , nos bairros da cidade de Corumbá e uma diversidade lingüística muito grande assim como o fator social, devido a essa heterogeneidade percebe-se a frustração e insegurança de alguns alunos de falarem o certo e o errado já que para ter o domínio público da norma padrão culta da língua de cada povo é uma tarefa difícil, porém é o processo que facilita a abertura da aproximação em nossa região fronteira.

Os artigos lo e la que são usados gramaticalmente pelos alunos bolivianos são utilizados como elo de ligação pelos alunos brasileiros, uma vez que é um termo de fácil aceitação e de conhecimento geral. Exemplos observados:

Espere la esquina;

La momentito senora;

Lo tico viana ca .

O bilingüismo na região de fronteira passou a ser mais que um aprendizado natural, mas sim uma necessidade de se aprender uma língua internacional, o Inglês é naturalmente ensinado nas escolas e o espanhol naturalmente aprendido pelo contato direto e pela necessidade de se comunicar bem, e dificilmente não há uma interatividade entre brasileiros, fronteiriços e bolivianos pelo senso comum da língua.

Nessa região fronteira Brasil – Bolívia é muito comum competições escolares internacionais ou simplesmente jogos amistosos e há necessidade de se utilizar muitas vezes uma segunda língua oficial entre atletas, juizes, mesários, fiscais, técnicos e professores ocasionando assim um fator de interatividade maior e um enriquecimento mútuo entre os países do aprendizado das línguas oficiais e às vezes por ora o próprioportunhol.

Quando os alunos traduzem uma obra ou parte dela para sua língua oficial, eles o fazem quase sempre ao seu gosto, à sua maneira, da forma que entendem, apenas para compreenderem a obra quando se faz necessário.

4.1 Estudos Fonológicos

A) o “a” nasalizado por ã, o “a” nasalizado pela consoante “n” e nas terminações “amos” que é modificado no espanhol para “emos” fechando a sonorização da palavra.

B) a ditongação de vogais padronizadas simples do espanhol tais como: perro pierro; helado - yelado; torta - tuerta

iii) a monotongação dos ditongos espanhóis: tempo - tiempo;ferro- fierro-hierro;

C) Em relação às consoantes, destacam-se o ensurdecimento dos fonemas consonantais sonoros /b/,/d/, /g/ ; na verdade há uma substituição destas

consoantes sonoras do espanhol pelas homorgânicas surdas: pedazo - petaso; gato - cato; cuando – cuanto;

D) As mudanças de /t/ e /ts/ em usos como usos como *tiquita por chiquita e *cutillo por cuchillo;

E) A confusão entre fricativas, porque o espanhol tem 3 fricativas /f/, /s/, /x/ enquanto o português tem 6, formando 3 pares de surdas e sonoras /f/ e /v/; /s/ e /z/; /š/ e /ʒ/. No caso, ocorre uma forte interferência do /f/ com o /v/, como fafor por favor e fapor por vapor, também há forte cruzamento do /j/ espanhol com o fonema português /r/ velar (rr): jojo (*rrojo) por rojo.

G) O português preserva o /lh/ (=ll), mas apresenta o fenômeno do “ieísmo” produzido pela variante fonológica lh > i, como em trabalhar > trabaiá. Dessa forma, a pronúncia de caballo pode ser ou caba3o ou cabaŠo ou cabaio.

Na morfologia, o processo de interlíngua se realiza por meio de quatro atitudes linguísticas fundamentais:

H) a perda do determinador de plural como em niños tristef. Este fenômeno ocorre nos dois lados da fronteira, por isso é considerado erro de falta de concordância ou “mala concordância”. No entanto, estudos sociolingüísticos têm comprovado que se trata de variável que despluraliza o(s) membro(s) em que a concordância é reincidente no português, normalmente elementos que estão sempre à direita na frase, como as mulher. Se se tratasse de simples caso de apagamento da marca de plural -s, a regra atuaria no sintagma as mulheres de forma diferente, eliminando apenas o -s final do que resultaria a forma as mulher)

A substituição dos artigos definidos. Os artigos definidos do espanhol el / la são substituídos pelo o / a do português, principalmente no ambiente em que ocorre também pronome possessivo: **a** mía casa; **o** mío libro

I) combinação de en com artigos: a preposição combina com o artigo definido, como **na** iscuela; **ne la** escuela

J) substituição dos pronomes pessoais: os pronomes pessoais él > **ele** e en él > **nele**, ambas formas do português.

Na sintaxe, as interferências são observadas na estrutura frasal.

L) perda do determinador de pessoa e número: nosotros **iba** em lugar de íbamos. O português usa o futuro do subjuntivo com as conjunções se e quando, referindo-se a eventos futuros, do tipo se eu cantar, se nós cantarmos.

Na zona de interferência é comum o uso de **si** nosotros jugar, **si** yo pintar

Mi) substituição dos auxiliares e uso do verbo tener por haber.

Em português, o auxiliar ter ocupou completamente o lugar do haver. Exemplos de interferência: en mi casa **tiene** árboles; **tiene** un niño en el patio; **tenía** ido; **tina** dicho e as construções analíticas no uso de objetos diretos e indiretos como em llamó **él** em lugar de lo llamó; dijo **para mí** em lugar de me dijo

N) colocação do pronome na frase. No português, a colocação do pronome clítico na frase apresenta variação, embora na linguagem corrente a posição mais freqüente é entre um verbo principal e um infinitivo, como em quero **te** dizer, vai **lhe** perguntar; e entre um auxiliar modal e um verbo principal, como em estava **me** procurando, iam **lhe** responder. O espanhol, em contraste, na maioria das vezes posiciona o clítico antes do primeiro elemento verbal: **te** quiero decir e em segundo plano, após o infinitivo: quiero decir**te** . No processo de interlíngua, encontram-se correntemente: va **me** dando; no quiere **me** dar; voy **le** pegar a esse niño No uso do imperativo também a regra do português se faz presente: **le** diga; **me** dé la goma.

Muitas formas que aparecem no “portunhol” são do português, por vezes deformadas na escrita, como: millo (= milho);callorro (= cachorro). Vale a pena notar, outros exemplos entre os substantivos: faca, garfo, culier, vasora, vidro cavalo, pássaro, pierro, rato ovo, tanjarina, pissigueiro, arvore, buraco, canto, camiñón, fumo etc.

Conforme estudos contidos no livro Espanhol (2008 – p.14) La lengua española solamente tiene dois tipos de contracción – al e del.

Para os lingüísticas a interferência na língua ou na fala num processo geográfico lingüístico e social .da norma socialmente prestigiada, à guisa de um acréscimo aos usos lingüísticos.

O “portunhol” tão questionado, tão idolatrado e às vezes tão massacrado é uma extensão ora do português, ora do espanhol que segue rumo aos avanços dos contatos fronteiriços.

A entrada de uma língua sobre a outra é construída naturalmente e gradativamente de acordo com as necessidades diárias e as inserções são feitas e inclusas no seio da comunidade quase que imperceptivelmente.

As interferências entre as línguas espanhol e português fazem uma perfeita continuidade dessas regiões fronteiriças tanto que, muitas vezes consegue-se perceber o cidadão fronteiro de outro pelo sotaque, forma características do seu falar.

É muito importante que o boliviano conheça a nossa língua assim como os brasileiros conheçam a língua vizinha. Conforme Jacira do Vale Pereira (APUD MARIN -2003 – P.139) a condição de migrante na fronteira entre dois países propicia a vivência do entrecruzamento de culturas, havendo um compartilhamento entre a cultura de origem familiar representadas pelos países fronteiriços que agregam no seu interior migrantes de diferentes etnias.

Mesquita (1986 – p.63) destaca que o contato com outros países e pessoas de diferentes procedências e condições sócio-culturais teoricamente proporcionariam maior experiência, a aprendizagem do mundo, ao protagonista.

Destaca-se ainda, segundo Maria Cristina Madeira Coelho (APUD REVISTA DE EDUCAÇÃO, 2006 – P.67) que a linguagem mantém-se como um dos fatores essenciais para qualquer nova perspectiva compreensiva que se pretenda.

5. O CENTRO DE ATENDIMENTO INTEGRAL À CRIANÇA - CAIC

O CAIC PE Ernesto Sassida e CEI Catarina Anastácio da Cruz, estão localizados na Rodovia Ramon Gomez, km 01, no bairro Dom Bosco, têm uma boa infraestrutura próximo à Prefeitura Municipal de Corumbá, ao Parque Marina Gatass e a Polícia Militar Ambiental. A escola mais próxima é a Escola Estadual Dom Bosco.

A escola está em área de fácil acesso para a comunidade escolar, sendo o prédio próprio e construção específica para o funcionamento da escola. Conta com 16 000 m² de terreno e 4 700 m² de área construída e 1 551,23 m² de área descoberta.



Figura 8: Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC) Padre Ernesto Sassida – entrada principal pela Rodovia Ramon Gomez
Fonte: Morais (2009)

A estrutura técnica e administrativa da escola é mantida pela Prefeitura Municipal de Corumbá, por meio da Secretaria Municipal de Educação, com base nos dispositivos constitucionais vigentes, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Devido as diferenças das características étnicas e culturais, a comunidade escolar está centrada na pluralidade cultural, isto é, a diversidade de etnias, crenças, costumes e valores a serem trabalhados com todos os alunos e o seu crescimento

quantitativo é fato como podemos perceber por meio de trecho da REVISTA DE HISTÓRIA (2008 – P.104):

A expansão quantitativa da modalidade de ensino primário, portanto, resultou do crescimento demográfico e imigratório, imputado ao período em questão, criando assim uma demanda potencial de educação intensificada pelo processo de urbanização e industrialização. Trouxe consigo a possibilidade de melhoria de emprego e de nível de vida. (ADRIANA APARECIDA PINTO).

A escola desenvolve em seus projetos pedagógicos a diversidade de valores e crenças, oriundas das suas raízes. Pela localidade do município por se tratar de cidade fronteiriça.

SENNÁ (1991 – p.74) aborda que a situação escolar do ensino de língua materna, na qual se privilegiam os valores socialmente dominantes, contribui para que o indivíduo desenvolva aspectos sócio-psicolinguísticos de semi-linguismo, seja no emprego de língua escrita, seja no de língua oral.

As crianças, jovens e adultos são participativos, receptivos, ativos, gostam de estar próximo às pessoas e são capazes de interagir e aprender com eles de forma que possam compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças, jovens e adultos sentem-se cada vez mais seguros para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas.

Segundo Dornelles e Braga (APUD BRITO, 2007 – p. 37) – há de se pensar a escola como um espaço social de conflitos, de cumplicidade, de avanços e de continuidade.

Atualmente, atende outro segmento da sociedade, principalmente àquele das pessoas que saíram da escola há muito tempo e lutam por um espaço no mundo do trabalho. Isso sugere novas demandas para a formação profissional.

A educação contextualizada que identifica o que pretendemos como algo integrante de um determinado contexto cultural/espacial/ temporal;

A interdisciplinaridade, relação entre as diversas disciplinas que compõem o conhecimento;

A multidisciplinaridade, discutindo o objeto de investigação relacionando-o com o contexto geral;

O currículo integrado que compreende a integração do desenvolvimento afetivo, emocional, cognitivo e social;

O pensamento crítico, desmistificando a verdade única e imutável; aprender a aprender, consolidando o conhecimento científico através da relação teoria/prática.

Fundamenta-se nos princípios humanos e contribui na construção de uma cultura da solidariedade, mútua caridade, a sensibilidade para com as necessidades uns dos outros”. Nesta dimensão, envolve-se toda a comunidade educativa nos eventos sociais nas seguintes modalidades: projetos curriculares, próprios do processo ensino-aprendizagem e incluídos no Plano Anual, projetos educativos especiais, os que são planejados e executados na escola, e no período escolar, promovendo a socialização, o resgate da cultura, entre outros; projetos extracurriculares, os que envolvem a comunidade local e desenvolvem os dons, as habilidades humanas e o envolvimento e engajamento social.

O CAIC opta por uma educação que propicia a formação nos aspectos biopsíquico, econômico, social, religioso, político e cultural, num processo formativo e contínuo do desenvolvimento humano. A Escola, como espaço do saber elaborado e construído historicamente, terá como função social promover a produção do conhecimento, a formação da cidadania para a melhoria das condições de vida dos sujeitos, bem como de sua intervenção no mundo social. Para tanto, a escola organizar-se-á visando ao sucesso de todos os alunos.



Figura 9: Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC) Padre Ernesto Sassida – Ginásio da Escola
Fonte: Morais (2009)

A educação personalizada esforça-se por valorizar a originalidade, percebendo, reanimando e fortalecendo o potencial criativo de cada pessoa tendo o pluralismo como princípio ativo de enriquecimento cultural e cívico da sociedade.

Os ensinamentos dos educadores e alunos da escola CAIC são em cima da tolerância e para o respeito do outro como condição necessária à democracia tendo uma dimensão social e comunitária e sensibilizando e envolvendo o aluno com questões sociais.

A educação da escola é centrada nos quatro pilares:

Aprender a conhecer, adquirindo os instrumentos de compreensão, que tem como objetivo o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento, aprendendo e compreendendo o mundo, despertando a curiosidade intelectual, estimulando o sentido crítico, adquirindo autonomia na capacidade de decidir, buscando, analisando e selecionando informações, estabelecendo relações, interpretando fatos e situações, resolvendo problemas e registrando suas descobertas.

Aprender a fazer para poder agir sobre o meio envolvente, adquirir competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas e diversas situações, pondo em prática os seus conhecimentos, refletindo sobre sua prática, gerenciando seu tempo, recursos e espaços. Trabalhando em equipe, motivando e valorizando o trabalho do outro, imaginando e criando novos conhecimentos, divulgando seu trabalho planejando e organizando suas ações.

Aprender a conviver, aprender a viver juntos para desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências, através de projetos comuns, no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas. Nesse processo irá aprender a conviver com as diferenças, interagir, comunicar-se, reconhecer o outro, planejar, trabalhar e decidir em grupo, ter compromisso com o coletivo, com o ambiente e com a cultura.

Aprender a ser como realização da pessoa na sua totalidade, contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, ajudando-a a elaborar pensamentos autônomos e críticos e para reformular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, como agir com discernimento e responsabilidade nas diferentes circunstâncias da vida. Persistir mesmo diante das dificuldades, expondo suas dúvidas, reagir de forma positiva ao receber críticas, ter cada vez mais autonomia, confiança em si mesmo e capacidade de realizar trabalho, assim vai desenvolvendo

o autoconhecimento, auto-estima e autoconfiança para uma auto – realização baseada na concepção de homem e de mundo , supera-se a relação vertical, estabelecendo-se a relação dialógica. O diálogo supõe troca, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. "[...] e educador já não é aquele que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa [...]".

A educação, por origem, essência e finalidade é uma ação comunitária. É o diálogo, encontro e comunicação de um sujeito com o outro, onde educador e educando se educam. Assim sendo, é a escola que institucionaliza este caráter social e político da natureza humana. Não é a escola que reúne alunos e professores, mas a necessidade de educação que dá origem à escola. Somente a dimensão comunitária é capaz de resgatar a relação comunidade /escola e transformar o ensino em educação.

Os alunos também são orientados a dar sentido aos estudos, através da tríplice articulação entre: compreender o mundo em que vivemos, usufruir do patrimônio acumulado pela humanidade e, transformar este mundo, ou seja, colocar estes conhecimentos a serviço da construção de um mundo melhor, justo e fraterno.

A missão da escola é ter compromisso pelo trabalho que desenvolve, garantindo a participação ativa da comunidade escolar, formando cidadãos críticos e conscientes, preparados para o exercício e desafios da vida moderna.

É fundamental que para que tenhamos igualdade social, sem miseráveis, excluídos e marginalizados na sociedade que assumamos uma responsabilidade social em nosso país dentro de uma convivência democrática.

Acredita-se que a escola deve interagir com a sociedade, buscando soluções para os problemas detectados, sendo assim, a maior responsabilidade da escola é formar o aluno para a responsabilidade social e justamente nesse sentido que entendemos que a escola tem feito o seu papel participando ativamente e salientando a importância de cada um nesse importante papel.

Quanto à relação professor-aluno, acredita-se que o papel do educador é insubstituível, mas acentua-se também a participação do aluno no processo. O aluno, com sua experiência imediata num contexto cultural, participa na busca da verdade, ao confrontá-la com os conteúdos e modelos expressos pelo professor.

Os professores passam por uma dificuldade muito grande, estes são cobrados diariamente pela aprendizagem e não aprendizagem dos alunos, por

incrível que pareça a sociedade repassa a responsabilidade integral ao professor quando o aluno vai mal . O mau desempenho escolar dos alunos é a falta de coerência, de domínio, de atualização, de trabalho, de esforço do professor que vê toda uma carga sendo jogada nas suas costas.

Este, por sua vez, não se contentará em apenas satisfazer necessidades e carências, mas buscará despertar outras necessidades, acelerar e disciplinar métodos de estudo, exigir o esforço do aluno, propondo conteúdos e situações compatíveis com suas experiências de vida para que o aluno construa sua aprendizagem e participe de forma ativa.

Os professores possuem algumas dificuldades no ensinamento já que existe uma miscigenação muito grande de alunos onde alguns falam muito mal o português, mas lentamente isso vai se adaptando e buscando o seu próprio espaço.

Na educação infantil os alunos que entram praticamente nada falam do português e gradativamente isso é ensinado pelos professores e pela convivência com outros alunos que falam muito bem o português, outros um péssimo “portunhol” e isso dificulta o aprendizado e o processo ensino-aprendizagem dessas crianças.

Segundo as informações da direção da escola cerca de 20% dos alunos bolivianos e fronteiriços são reprovados anualmente em função da falta de compreensão ou mesmo de adaptação à escola.



Figura 10: Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC) Padre Ernesto Sassida – prédio onde estão instaladas as salas do ensino fundamental.
Fonte: Morais (2009)

A escola trabalha muito bem com as diferenças existentes e isso faz com que a interação e a integração dos alunos fronteiriços e bolivianos seja harmônica e com

isso os outros alunos alguns de forma direta e outros de forma indireta acabam aprendendo o espanhol, principalmente as músicas e lógico o intercambio cultural é muito grande e heterogêneo.

A escola promove durante o ano atividades lúdicas, culturais, danças típicas e regionais, danças típicas dos países além das reuniões com as famílias mostrando a importância do convívio e a interatividades proporcionando um melhor aprendizado visto que muitos brasileiros tem preconceito em relação ao bolivianos.

Segundo a direção da escola é facilmente percebido que o dia a dia facilita a integração entre todos e por incrível que pareça os colegas não vêem o boliviano ou o fronteiriço como exótico, diferente, nem tampouco é discriminado em sala de aula, muito pelo contrário são vistos com muito orgulho e dedicam-se em prol do outro para diminuir as dificuldades do seu novo aprendizado.

Os pais bolivianos e fronteiriços apesar de todas suas dificuldades são muito mais frequentes na escola do que os outros alunos , são mais participativos e buscam maiores informações , mas ainda a maior dificuldade é o idioma, já que poucos falam e entendem o português e ainda não há uma preparação melhor da direção com uma linguagem bilíngüe para dialogar e mostrar os problemas diários.

Uma escola que já começou grande pelo projeto que se dispunha, hoje com 480 alunos no período matutino, 600 no vespertino e 150 no noturno, e dos que estudam no período matutino e vespertino somam 70 moradores da fronteira, outros não se intitulam bolivianos ou fronteiriços apesar de apresentar traços que evidenciam e que inegavelmente o vêem desta forma.

De acordo com Calvet (2002 – p.89) as línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber uma língua continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado.

Bolivianos, fronteiriços e brasileiros dividem o mesmo espaço no intuito do aprendizado e todos se ajudam de forma singular respeitando o espaço, a cultura, língua do próximo.

6. A FRONTEIRA: O DIFERENTE TERRITÓRIO DAS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS E A NÃO ACEITAÇÃO DO SEU “EU”

O desconhecido lado da fronteira e a não aceitação do seu “eu” é uma história que ainda muitos fronteiriços, bolivianos, brasileiros que lá vivem que ainda não se aceitam completamente.

Essa história de não se identificar como fronteiriço, ainda depende de uma política forte e bem trabalhada e acima de tudo de fixar mecanismos para recuperar e registrar através de histórias vivas e reais as línguas praticadas na zona de fronteira e sem medo de fazê-las.

Em pleno século XXI, ano de 2009, ainda é obscuro a situação de contato entre os dois países vizinhos que deveriam manter uma equidade, mas que quase sempre vivem em conflitos, as nossas línguas de contato ainda são incertas e registram medo ao falar como se não quisesse que sejam identificadas sua verdadeira nacionalidade, muitos conflitos ainda são gerados em meio ao “meio”, ou seja, a fronteira.

As nossas fronteiras são desconhecidas e geograficamente ainda são preenchidas de conteúdo social e discriminatório.



Figura 11: Placa de orientação turística do lado brasileiro
Fonte: Morais (2009)

A fronteira Brasil-Bolívia é caracterizada por espaços demográficos de grande concentração populacional, e outros espaços não bem ocupados e nem trabalhados, especialmente quando não são economicamente viáveis.

As nossas fronteiras geográficas são preenchidas de conteúdo e muito preconceito social, onde leva mais vantagem aquele que detém maiores posses ou poder, nem que seja analisando pelo lado do país de origem mais forte economicamente ou politicamente.

Nossa fronteira deveria ser socialmente trabalhada para não haver diferenças e que os nossos contatos lingüísticos fossem fator de riqueza cultural, a fronteira lingüística cultural, como região de fronteira e fator de geração de renda é mais um atrativo turístico dentre os muitos que temos.

Se reportarmos e voltarmos à história da fronteira, o contato lingüístico entre o espanhol e o português é fator de um constante questionamento, brigas, fóruns entre outros para ver quem tem o domínio das áreas fronteiriças, fator esse determinado pela maior arma da região de fronteira, o poder econômico, cultural e social consolidado e fortalecido.

Na fronteira do Brasil com a Bolívia, há cerca de 5 km, é muito discutida, a possibilidade de dupla e/ou tripla identificação, ora como boliviano, ora como brasileiro, e ora ainda como fronteiriço, advindo daquilo que for melhor para o indivíduo no momento da abordagem e da situação.

Num mundo capitalista e consumista, a fronteira vive um momento histórico politicamente e financeiramente, pois o turismo é o seu principal atrativo que são os materiais eletrônicos e a beleza dos materiais que são envolvidos pela facilidade de adquirir um produto importado ora com o dólar em baixa ora em alta.

Conforme Guimarães (2001), a fronteira é um desconhecido território que trata do espaço das línguas dominantes na América Latina, ele se refere a um espaço configurado pela presença de outras línguas em funcionamento. E nesta medida cabe pensar, inclusive, a história da constituição do espanhol e do português como línguas nacionais.

A dualidade português-espanhol tem um status de línguas majoritárias e essa desterritorialização é o que coloca as nossas línguas da fronteira como uma situação de contato e de aproximação e contatos lingüísticos das diferentes regiões que circundam a nossa vizinha fronteira.

Um exemplo que ilustra bem esta situação é a cidade de Corumbá-MS., uma cidade com aproximadamente de 98.000 mil habitantes e localizada a uma distância média entre 15 e 18 km do centro da cidade até o centro da cidade vizinha e que tem como língua principal o português, mas também é muito falado o espanhol pela proximidade da fronteira.

Corumbá possui 45 escolas sendo a mais próxima a escola municipal CAIC, com 1230 alunos sendo 480 no período matutino, 600 no período vespertino e 150 no período noturno, destes 340 alunos são específicos dos quintos aos nonos anos

A proximidade de nossas cidades – situada no seio da fronteira faz-nos apresentar um caso concreto de troca de informações culturais tanto quanto nas escolas, muito mais ainda na Escola CAIC, onde os alunos deslocam-se para a escola vindos a pé, carona, carros, ônibus e bicicletas, o que nos leva a pensar numa formulação de políticas públicas nas cidades, incluindo-se aqui também a política linguística.

Disto decorre que nossas fronteiras são marcadas por uma heterogeneidade lingüística, o português e o espanhol, apresentando uma clara situação marcada por uma fronteira seca e pelo convívio das línguas portuguesa e espanhola diariamente.

Esta "terceira língua", predominantemente praticada em território espanhol, recebeu inicialmente sua identificação como "fronterizo", tomando na sua designação o sentido geográfico e a facilidade de interação e de diversas formas inclusive pelo meio sociolingüístico.

O enfoque é sempre do ponto de vista das influências e da cultura boliviana onde o espanhol/castelhano são usados com a entrada de várias entonações oriundas dos quatro cantos do imenso Brasil que acabam falando o "portunhol" com a entonação, pronúncia e vocabulário de gaúchos, cariocas, paulistas, mineiros, estrangeiros entre outros.

A fronteira tem como modo de designar as práticas lingüísticas em funcionamento através de uma política das práticas das línguas, que não se resume à dualidade português-espanhol, mas que se enunciam nesse espaço configurado pela diversidade lingüística.

A fronteira ganhou também um cemitério de nome *Nelson Chama* que fica ao lado do posto do pedágio. Esse cemitério atende a região de Corumbá, mas

também atende fronteiriços e bolivianos que residem na cidade de Corumbá. Isso leva-nos a reforçar ainda mais que, após a morte, não há fronteiras e acabamos todos nos estabelecendo no mesmo lugar.



Figura 12: Cemitério Nelson Chama (lado brasileiro)
Fonte: Morais (2009)

É bem verdade que alguns ostentam luxo mesmo após a morte, porém entendemos que é algo mais pessoal ou mesmo familiar como se pudesse manter uma fronteira que não existe.

Pode-se dizer que a fronteira é uma outra língua com suas extensões e limites geográficos possibilitando fácil acesso à entrada de pessoas que conheçam um pouco de sua cultura. Esse reconhecimento com um cunho político pode ser definitivo e dominante compreendendo as relações das línguas na zona de fronteira e uma política lingüística contextual.

Segundo Costa e Oliveira (2009), as fronteiras, independentes da atuação dos organismos políticos é um ambiente topológico de relações ambíguas que enveredam por tensões, rugas e preconceitos, porém posicionam-se como nós donde partem os elos da corrente de integração com ricas práticas de cooperação e complementariedade.

A fronteira é vista dentro de alguns prismas óticos com muita desordem, justamente por falta de regras práticas que possam nortear a zona de fronteira e são essas situações que marcam as transformações sociais e suas variações já que essa linha demarcatória é fator de visões e entendimento paradoxais em função de sua existência.

Os bolivianos têm adotado o português como sua segunda língua, principalmente em Santa Cruz de La Sierra e Pando, tudo em função da grande proximidade que nos envolve.

Na região do altiplano, as línguas aymar e quéchuá são os segundos idiomas.

É importante salientar que o espanhol é obrigatório o ensino nas escolas municipais na região de Corumbá, porém o mesmo não acontece no país vizinho, ou seja, o português não é ensinado e tampouco obrigatório nas escolas.

O Brasil já assinou vários acordos com o governo da Bolívia para incrementar e alavancar o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa na Bolívia onde é apoiado pela embaixada do Brasil que busca incessantemente a prática desse projeto e ainda conforme Patrícia Cortes, membro do setor cultural da Embaixada do Brasil na Bolívia, em La Paz, o Centro de Estudos Brasileiros desse país busca a integração e o aprendizado e desta forma recebe cerca de 200 alunos por ano.

Os acordos e entendimentos entre os governos brasileiro e boliviano prevê o intercâmbio e aperfeiçoamento de professores, estudantes e gestores educacionais, visitas às escolas brasileiras e bolivianas além de seminários, eventos, troca de informações e participações ativas na cultura do país vizinho. políticas educacionais, elaboração de projetos de cooperação técnica e apoio de organismos internacionais. É muito importante que essas parcerias e entendimentos continuem.

6.1 Estudantes na fronteira Brasil-Bolívia: contatos sociais e linguísticos

A migração internacional de bolivianos já se apresenta como algo estrondoso e muito competitivo por uma vaga no espaço brasileiro.

Muitos bolivianos e fronteiriços residentes na cidade de Puerto Suarez, e cidades vizinhas, além dos cidadãos fronteiriços convivem com brasileiros, em especial àqueles que estudam na Escola CAIC, construindo uma imagem social e lingüística pelo contato diário desses alunos.

Desta forma, buscamos apresentar algumas informações básicas referentes aos alunos matriculados na referida escola uma vez que a facilidade de se chegar até a escola é muito grande.

Os estudantes vão a pé, carona, táxi, de forma clandestina por meio de táxi boliviano, táxi brasileiro, motos, ônibus entre outras formas estabelecidas pela necessidade do dia-a-dia.

Em diversos fluxos migratórios percebemos que a perspectiva social e econômica é a que mais se encaixa, alunos e alunas, sonham por uma situação melhor e sabem da dificuldade para conseguir seu objetivo, e partem rumo aos seus sonhos e objetivos e buscam decisões individuais em propensão de seu almejado trajeto.

Os costumes dos estudantes bolivianos tendem a tomar forma no meio dos estudantes brasileiros introduzindo a sua cultura nesse meio social e vice versa.

Estudantes bolivianos acabam aprendendo costumes e idéias do povo brasileiro, por que não dizer – Corumbá-MS, com suas longas histórias, destinos, modos, seus reais espaços em suas diferentes dimensões sociais, culturais, econômicas, demográficas e históricas.

Corumbá está distanciada da capital há 450 km e bem próximo do nosso país vizinho – Puerto Quijarro – cidade fronteiriça boliviana por 5 km, cerca de 15 minutos de carro mesmo passando por dois pedágios: um do lado brasileiro e outro do lado boliviano.

Essa proximidade liga essas cidades fronteiriças, os países de tal forma que Corumbá e Puerto Suarez e Puerto Quijarro estão mais intimamente ligada economicamente, socialmente, culturalmente que qualquer cidade brasileira.

Os fronteiriços são marcados por espaço demograficamente marcados e estampados em seus semblantes o rótulo de viver em função dos impactos que essa situação acaba criando.

A migração contínua e duradoura de nossos estudantes bolivianos deverá ser estudada com muita cautela, já que existem escolas do outro lado da Bolívia que poderia muito bem encabeçar essa idéia.

É preciso reconhecer, que os estudantes fronteiriços vivem um grande problema já que falam o espanhol, o português e o “portunhol”, descaracterizando o seu povo e não assimilando corretamente a sua própria língua, ou seja, mistura letras, funções, semanticamente, sintaticamente, morfologicamente e até estilisticamente.

Segundo Fedatto (1999 – Apud Oliveira Tito - 2008) foi constatado que os alunos no curso de magistério não recebem informações diferenciadas para

trabalharem numa região de fronteira reforçando, então, que a escola não se diferencia das demais, visto que não prepara o professor para atuar nessa região peculiar.

Essa constatação leva-nos a entender que a preparação dos professores passa por uma situação secundária para atender a demanda desse público um tanto quanto exigente que é dos bolivianos e fronteiriços, sem preparação o professor não está devidamente pronto para ter um comportamento adequado e um ensinamento que realmente diferencie e busque o melhor para seu aluno.

Este trabalho ressalta que a educação de Corumbá ultrapassa os limites locais chegando a atingir metas internacionais, já que muitos bolivianos e fronteiriços acabam estudando em nossa região .

É difícil explicar por que as pessoas migram para o lado brasileiro para estudarem, qual a real vantagem de deixar o país vizinho ou a fronteira para estudar do outro lado.

Há diferenças entre fronteiriços, bolivianos e brasileiros e essas diferenças trazem uma conseqüência de socialização no meio em que passam a viver, é evidente que alguns conseguem se adaptar mais rápido outros possuem um pouco mais de deficiência ao se relacionar com o outro, principalmente sabendo-se que a língua e a cultura nem sempre é a mesma.

O fluxo de migração está relacionado com o meio social das famílias dos migrantes estudantes e na intenção de crescimento que cada um pensa para si, é nítido que o movimento migratório são construídas, se transformam no dia a dia modificam e recriam formas de convívio dentro da região de fronteira.

Os estudantes fronteiriços e bolivianos que estudam em nosso país tem algumas especificações muito importantes que os mesmos estão inseridos na nossa sociedade com um cunho social que interage as duas culturas e marca profundamente o convívio de nossos alunos interagindo e conquistando espaços.

Segundo Raffestin (apud OLIVEIRA, 2006, p. 15) A fronteira e suas metamorfoses podem ser a conseqüência de modificações não visíveis no sistema de valores.

Os estudantes bolivianos tem toda uma diferenciação fonética e fonológica isso em função da extensa quantidade de variantes lingüísticas em função da posição geográfica, entre outros fatores, o que evidentemente o professor deverá analisar as possíveis distorções e interferências lingüísticas entre os estudantes

falantes do espanhol e os estudantes falantes do português, além daqueles que ficam situados no meio não sabendo ao certo em que direção seguir diferenciada principalmente na parte articulatória e alguns sons encontrados na língua espanhola que não existem na língua portuguesa.

Conforme Bruno (2005, p. 110) “Em uma sala de aula, a linguagem estabelece e constrói as relações entre os interlocutores que compõe este contexto: professor/a, alunos/as (falantes e ouvintes), a sala (espaço) e o tempo (da enunciação)”

A fronteira é um limite entre esses dois mundos com regras diferenciadas, com uma dupla identidade entre bolivianos e brasileiros.

Os países fronteiriços como Brasil e Bolívia vivem independente mas, ao mesmo tempo, vivem dependendo uns dos outros em diversos aspectos seja politicamente, socialmente, financeiramente, saúde ou educação, ou seja, são incapazes de viver sem a inferência do outro.

Ainda segundo Raffestin (apud OLIVEIRA, 2006, p. 14) a fronteira no seu processo de funcionalização, pode naturalmente ser interpretada, tanto no sentido político como no sentido sócio-cultural.

6.2 Entrada e saída de fronteiriços: Brasil e Bolívia

Este texto retrata sobre a mobilidade populacional de entrada e saída de fronteiriços no espaço geográfico Brasil x Bolívia – com limites pela cidade de Corumbá e Puerto Suarez, é um estudo sistemático feito através de análises tem como referência as cidades citadas, a de se considerar a história, a situação econômica, social, cultural assim também como os acordos fronteiriços que são feitos politicamente que normalmente ocorrem de forma documental ou apenas verbal funcionando como uma política de boa vizinhança.

Essa mobilidade populacional através dessa facilidade de ir e vir de um país ao outro sendo encoberta pela região de fronteira facilita o mercado de trabalho de ambos os lados da fronteira, facilitando de um lado e prejudicando de outro nos tratamentos de saúde, pois facilita também a entrada de doenças que podem ter origem no país vizinho e que deveria ser combatido pelo governo local originário das doenças.

Recentemente, a partir de fevereiro de 2009, o prefeito da cidade de Corumbá-MS, determinou que a Secretaria Municipal de Saúde do Município intensificasse ajuda ao país vizinho na luta contra a Dengue e outras doenças.

As leis que regem a mobilidade das pessoas e os fluxos migratórios advêm de uma série de fatores políticos e econômicos, sociais e financeiros.

As emigrações quase sempre são planejadas ou repentinamente que duram alguns anos, o que era para ser algo temporário, um “quebra galho” para ganhar algum dinheiro para poder se manter e sua família acaba extrapolando o que previamente havia pensado e até prejudicando a veia familiar.

Considerando-se esses pressupostos, pode-se dizer que o projeto de emigrar é familiar e planejado para durar de 2 a 4 anos.

Enquanto um ou mais membros da família emigra, outros permanecem na cidade de Origem, pai, mãe, filhos, casais ficam separados entre 2 e 4 anos, esse é o cálculo geralmente feito no projeto inicial, muitas vezes esses anos duplicam ou triplicam.

As conseqüências são separações de casais no retorno ou até mesmo antes do retorno, filhos são criados sem a presença dos pais, avós, tios e amigos passam a substituir os pais na criação dos filhos de emigrados.

O espaço geográfico que circunda o município de Corumbá é ladeado por ações em conjunto de atendimento aos imigrantes bolivianos que são atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), Feirantes da feira livre de artesanato (o camelódromo) e as feiras livres.

A fronteira Brasil – Bolívia tem como marco de limite geográfico dentro da região de fronteira, a receita federal.

A cidade de Corumbá, com população estimada em 101.089 hab. (IBGE, 2006), é um importante entroncamento rodo-ferroviáriofluvial, e de articulação internacional entre o Brasil, a Bolívia e o Peru.

As cidades de Puerto Gravetal, Puerto Quijarro, Puerto Aguirre e Puerto Suarez fazem fronteira com Corumbá e a comunicação é por via terrestre e para as demais cidades da Bolívia a integração é por via ferroviária, a partir da estação em Puerto Quijarro e também por via aérea, através do aeroporto internacional.

Em 2000, de acordo com os dados do Censo Demográfico (IBGE), do total de imigrantes residentes em Corumbá, os cuja residência anterior fosse à Bolívia representavam 77%.

O espaço de fronteira na Constituição do Brasil de 1988 a definição oficial da “faixa de fronteira” foi estabelecida na área compreendida dentro dos 150 km perpendiculares à linha limitante (cap.II, art. 20, alínea XI, parágrafo II) do território brasileiro. Esta delimitação teve como fundamento a defesa do território nacional, determinando uma regulação própria quanto à sua ocupação e utilização.

Em relação aos imigrantes bolivianos, verificamos que os mesmos se situam dentro de alguns fatores como:

- a) os sem documentos, que vão para São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Campo Grande -MS e grandes centros para trabalhar em regime precários com pouco conhecimento teórico e sem estudo aceitam situações adversas às condições ideais de trabalho para sua própria subsistência,
- b) os comerciantes que vão nas grandes lojas e shoppings para compras de roupas e bijuterias, e outros artefatos para serem vendidos em cidades do interior e até nas ruas; e
- c) o fronteiriço, que há alguns anos trabalhava na feira livre em Corumbá, vendendo artesanatos indígena e eletro-eletrônicos apesar da ilegalidade, já que a feira é de artesanatos, alguns trabalham no espaço comercial – em pequenos camelódromos espalhados na cidade de Corumbá, também muitas vezes na ilegalidade – e na feira-livre comercializando produtos hortifrutigranjeiros (de Campo Grande e algumas cidades bolivianas), roupas e bijuterias (importadas).

Os fronteiriços bolivianos tem uma autorização especial para trabalhar e morar no Brasil, documento este fornecido pela Polícia Federal que deve ser devidamente carimbado, com validade transitiva apenas na cidade de Corumbá , muito embora muitos acabam adentrando ao espaço brasileiro sem nenhuma documentação.

Referindo-se ao mercado de trabalho constata-se que a mão de obra é precária e sem especialização alguma nas áreas de trabalho que se propõe a fazê-lo, geralmente são artesãos e costureiras trabalhadores no comércio e em feiras livres. Inclusive, existe um local determinado pela Prefeitura de Corumbá, onde são

realizadas as feiras livres diariamente de segunda à sábado – dividida em setores de acordo com os bairros, sendo a mais visitada e procurada a feira de domingo situada na rua Ladário esquinas com as ruas 13 de junho e Delamare, além da feira de artesanato situada na Rua Luiz Feitosa esquina com a Rua Cuiabá, mas precisamente atrás do cemitério.

A mão-de-obra brasileira que vai para a Bolívia, se caracteriza por ser uma mão-de-obra especializada, e a que fica no Brasil é a menos favorecida e que não possui especialização, sendo comumente chamados de quebradores de galho e mesmo diante de não ter muita experiência, conseguem sobreviver principalmente no que tange a qualidade técnica de prestação de serviços (técnicos, administradores, gestores, vendedores e comerciantes).

Por conseguinte, a situação do imigrante condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição.

A nossa pesquisa foi seguida dentro de uma metodologia de pesquisa usada para obtenção dos objetivos propostos de uma análise descritiva, a partir de levantamento de ações e informações sobre a escola CAIC, como funciona a interatividade de alunos fronteiriços, brasileiros e bolivianos até aos conceitos básicos e informações complementares fronteiriças que nos levam a percepção da migração ao lado brasileiro.

A sistematização de banco de dados com informações, sobre migração internacional e o cruzamento com informações entre alunos brasileiros e bolivianos são vistos do 7.ºs aos 9.ºs anos aos imigrantes bolivianos e dos nossos alunos brasileiros, como reagem e como desenvolvem um elo de ligação, são organizados segundo tipo e modalidade, por sexo, faixa etária e séries, dificuldades entre outros.

A abordagem dada a imigração do ponto de vista da sociedade ativa e passiva, ou seja, aquela que faz e recebe alguma ação são quase sempre acompanhadas de um problema.

Há o emigrante aquele que saiu de sua cidade, da sua sociedade, do seu meio social, é na verdade um estranho no meio do ninho, e o imigrante aquele que adentra, que situa-se na fronteira entre o ser e o não ser social.

Segundo Sayad (1998), o processo de imigração é um “ processo total” , isto é, deve ser visto em face das condições que levam da emigração até as formas de inserção do imigrante no país para onde vai.

Os bolivianos, como a maioria dos imigrantes, não têm condições de sobrevivência em seus países de origem.

Constituem a categoria de emigrantes (de lá) e se tornam imigrantes (aqui), sempre em busca de um meio de vida melhor, mas estruturada, mas a falta de planejamento, cultura entre outros impede o seu avanço e às vezes fica sem eira e nem beira, a ermo.

Este mesmo imigrante passa a servir como uma força de trabalho e acaba se constituindo num grande problema para o país que o recebeu.

Por esse viés, pode-se dizer que foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante que o fez existir, é ele quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser.

O imigrante é visto de forma um tanto quanto negativo, como um ser temporário, provisório, instável, mesmo que este sirva por muitos anos, que se mate ao trabalho que se empenhe ao máximo, é visto sempre como um estrangeiro, “exótico”.

O fronteiro não é diferente e o maior elo não se rompe com as pequenas viagens de entrada e saída de um país e outro, mas sim das indiferenças criadas pelas sociedades de ambos os países.

Os fronteirões vivem as tensões do dia-a-dia de se viver exatamente no meio, ou seja, literalmente no meio do caminho, no meio de uma confusão que parece não ter solução, são inevitáveis e as mudanças progressivas são causa de enorme sofrimento, pois quase sempre os maiores problemas e dificuldades recaem em quem está situado no centro dos problemas que são levados aos dois lados.

A cidade fronteira também é conhecida como “terra de ninguém”, o dinheiro local é o peso boliviano, porém todos chamam-no de “Boliviano”, com uma cotação que varia de acordo com a alta ou a baixa do dólar em função do comércio de produtos estrangeiros, além de produtos que são comercializados na ilegalidade. Àqueles que mantêm a coragem de prosseguir até Santa Cruz de La Sierra o fazem por avião ou pelo conhecido “Trem da Morte”.

A fronteira entre o Brasil e a Bolívia é a linha que limita os territórios entre estes países e que inicia-se em Corumbá-MS, e atinge cidades brasileiras e estrangeiras.

6.3 História, memória e identidade: fronteira e relações de vizinhança

6.3.1 Fronteira e relações de vizinhança

A violência simbólica apresenta tema central nos estudos de Bourdieu (2001). Tal violência não é fruto da instrumentalização pura e simples de um grupo sobre o outro, mas é exercida através dos mecanismos engendrados pelos atores sociais, numa abordagem denominada por ele como "construtivismo estruturalista", destacando que a sociedade é uma produção humana, uma realidade objetiva.

Nesta perspectiva, o mundo social pode ser dividido em campos sociais e *habitus* que é analisado por Bourdieu (2001), através de um processo de causalidade circular que articula níveis diferentes da realidade separados pela micro e macro sociologia, dentro de um prisma que as estruturas se tornem corpo, e igualmente, que esse se faça estrutura.

Se considerarmos as colocações de Bourdieu (2001) como ponto de partida para pensarmos a questão de poder e a idéia de região, a referência a outros estudiosos se faz necessária para que possamos definir fronteira e identidade.

Esse autor observa que tentar entender o conceito de região, buscar identificar os elementos que a caracterizam e marcam sua identidade é tarefa por vezes ambígua, já que na dinâmica acadêmica tal definição atende a interesses vários, ao "monopólio da definição legítima".

Primeira observação: a região é o que está em jogo como objecto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos é claro, que, por terem que ver com o espaço, aspiram ao monopólio da definição legítima, mas também historiadores, etnólogos e, sobretudo desde que existe uma política de 'regionalização' e movimentos 'regionalistas', economistas e sociólogos. (BOURDIEU, 2001, p. 1008).

De acordo com Bourdieu (2001), região é "representação", logo caberia aos estudiosos "incluir no real a representação do real". Para ele, também, ao se buscarem critérios objetivos para a construção de uma identidade regional, não se deve ignorar que, na prática social, tais critérios resultam de representações mentais e de representações objetivas.

Seriam exemplos do que se denomina representações mentais: a língua, o sotaque, o dialeto, já os atos e objetos, por meio da manipulação simbólica, exemplificariam as representações objetivas.

[...] a procura dos critérios 'objectivos' de identidade 'regional' ou 'étnica' não deve fazer esquecer que, na prática social, esses critérios (por exemplo, a língua, o dialecto ou o sotaque) são objecto de *representações mentais*, quer dizer, de actos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objectais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas na manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter dessas propriedades e dos seus portadores. (BOURDIEU, 2001, p. 112).

O estudo sobre uma região, todavia, deve resultar de debates entre cientistas como antropólogos, geógrafos, historiadores, economistas, sociólogos, etnólogos, ou seja, todos aqueles que evidenciando, principalmente, a existência de políticas de regionalização e movimentos regionalistas de modo que seja cogitada uma análise da relação entre a lógica da ciência e a lógica da prática.

Uma região constitui-se a partir das práticas comuns entre os habitantes de espaços circunvizinhos. E são tais práticas que vão, culturalmente, definir as fronteiras regionais. De acordo com Bourdieu (2001, p.114),

A fronteira nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá o maior ou menor fundamento na '*realidade*' segundo os elementos que ela reúne, tenham, entre si semelhanças mais ou menos numerosas e mais ou menos fortes (dando-se por entendido que se pode discutir sempre acerca dos limites de variação entre os elementos não idênticos que a taxionomia trata como semelhantes).

A própria etimologia da palavra região – do latim *régio* – transmite a idéia de divisão, que consiste em destacar características específicas de determinados espaços geográficos, considerando, evidentemente, as metamorfoses sociais ao longo do tempo.

As fronteiras regionais, portanto, mesmo sendo produtos de atos jurídicos de delimitação, são responsáveis pelo estabelecimento das especificidades culturais que permitem a legitimação dos espaços que identificamos como região.

Faz-se necessário ressaltar que as fronteiras são espaços de fluxos de informações, e comportam-se como locais onde ocorrem as trocas culturais, responsáveis pela emergência das novas práticas sociais, que, por sua vez, delimitam novas configurações culturais e, conseqüentemente, nova identidade regional.

Dessa forma, entendemos que as identidades são construídas por meio da marcação das diferenças, portanto no estudo sobre região há que se observar uma análise da relação entre a lógica das representações.

A identidade subjaz a diferença. É com tais pressupostos que buscamos no presente texto algumas reflexões acerca de O Poder Simbólico, uma vez que foge aos nossos objetivos acadêmicos a análise mais aprofundada do tema.

Fazendo uma reflexão sobre o texto a ordem e a Desordem ou os paradoxos da fronteira de Raffestin, verificamos que o mesmo apresenta uma reflexão acerca do termo fronteira, sua duplicidade de significados e a sua atual concepção devido a falta de regramento, tendo em vista que a fronteira vai muito mais além do fato geográfico, é preciso entendê-la como um todo, já que a mesma nasce da diferença.

A fronteira é um processo que apresenta quatro momentos: diferenciação, tradução, relação e regulação.

As sociedades traçam suas fronteiras que vão propiciar o seu estudo geográfico e histórico. São as fronteiras que marcam as transformações sociais e suas variações. Nesse contexto podemos entendê-las não apenas no sentido restrito, como uma linha, mas sim como todo um processo que servirá de suporte da função reguladora da comunicação biossocial de quem ela é representante.

Assim, a fronteira pode ser interpretada, tanto politicamente quanto no sentido sócio-cultural, já que oferece entendimentos paradoxais em função da sua funcionalidade.

A fronteira e suas diversas transformações surgem como conseqüência de uma modificação no sistema de valores que, de imediato, não se pode enxergar, mas que vem, com o decorrer do tempo sofrendo grandes mudanças, principalmente no que se refere aos estudos sobre o fenômeno “fronteira”.

Desse modo, a ordem e a desordem em relação ao estudo das fronteiras, deixam de ser noções opostas e representam momentos de reflexão em relação ao seu estudo e definição. Essa reflexão que vai nos proporcionar uma ampla discussão sobre o processo e acabar com o mito da eliminação das fronteiras.

Verificando ainda no texto de Sayad (1998), Imigração ou os paradoxos da alteridade, percebemos que a abordagem aos imigrantes pode constituir um problema, entre aquele que saiu de sua própria sociedade e aquele que chegou a uma terra sem ninguém conhecido, comumente chamado para estes de terra de

estranhos, que realmente é o estranho quem chega ou quem está, aí surge um paradoxo.

A imigração em massa constituiu-se em objeto sociológico e antropológico, mais de cinquenta anos após o início do processo, com estudos sobre os italianos e libaneses. Seguiram-se estudos sobre japoneses e são raros ainda hoje aqueles sobre poloneses, americanos, gregos, franceses e outros grupos étnicos. Na década de 60 apareceram poucos estudos sistemáticos sobre os judeus.

É importante lembrarmos que a categoria dos emigrantes se tornam imigrantes quando chegam a um determinado lugar e que os imigrantes servem como força de trabalho e quase sempre passa a constituir um problema para o país que o utiliza, pois o mesmo é considerado um ser passageiro, provisório, momentâneo, mesmo que este demore, 10, 20, 30, 40, 50 anos.

Este imigrante sempre será um ser estranho, estrangeiro, exótico, diferente. A vizinhança Brasil-Bolívia tem fatores sociais, econômicos, culturais, políticos entre outros.

Considerando-se as informações acima podemos citar duas questões que Sayad destaca: 1. Qual o estatuto do estudo do imigrante para a ciência? 2. O que representa o uso das “biografias reconstruídas” necessárias para o estudo sociológico dos imigrantes?

Para respondê-las Sayad é impiedoso. Afirma que escolher o imigrante como “objeto” de estudo é escolher um “objeto social e politicamente dominado”, o que pode conduzir à produção de uma ciência “pobre”, “pequena”. Portanto cabe ao cientista social evitar esta falácia que pode ocorrer sempre que estuda os outros grupos dominados.

A situação do imigrante passa por algumas ambigüidades, ora este se situa como provisório, passageiro, ora como se fosse definitivo, isso devido sua salutar importância nesse contexto diante da necessidade de mão-de-obra quase sempre mais numerosa e barata, garantindo sua permanência e continuidade do imigrante em seu local como se fosse seu próprio habitat.

Ao realizarmos o estudo do texto imigrante, percebemos a dupla característica fundamentais que encobrem ou dissimulam a própria condição da verdade pelo fato de não desvelar e assimilar o fato e o direito, a imigração desperta um fato de dupla contradição, cria-se o estado provisório que acaba se prolongando

indefinidamente ou se trata de um estado mais duradouro que vive um intenso sentimento de provisoriedade.

Essa dualidade é o que caracteriza a situação do imigrante, essa condição de imigrante, que conta apenas na conta de qualidade com seus caracteres eminentemente provisórios ao contrário é como se fosse desmentir a definição oficial do estado do imigrante como estado provisório, com a insistência que os imigrantes possuem e se instala de forma mais duradoura na sua condição de imigrante da forma com se impõe a todos os imigrantes a sociedade que os recebe e a sociedade que os proveu.

Essa contradição constituída da própria condição do imigrante impõe a todos a ilusão coletiva que o estado não é provisório e nem permanente, deixando cada um se adequar nas situações sem infringir as categorias habituais. É a sociedade de imigração que define o estatuto do trabalhador na modalidade provisória.

Enquanto a expansão econômica, grande consumidora de imigrante, precisava de mão de obra imigrante, cada vez mais era preciso que as instituições de defesa do trabalhador concordavam na divisão da ilusão coletiva que encontrava na base da imigração.

Passava-se a idéia que a mão de obra imigrante era extremamente importante para a economia e até mesmo para a geografia, com isso passou-se a defender o imigrante tinha lugar durável com a mudança ocorrida e este passou conquistar direitos e ser reconhecido pela sua utilidade.

Esse reconhecimento foi lhe dando vantagens em agradecimento, passaram a se organizar e reivindicar de forma extremada com esse despertar preocupa a sociedade que as acolheu, não é permitido que deixe de ser imigrante, pois a partir do momento que estão reivindicando pelos direitos trabalhistas os estão também fazendo a política social.

Havia necessidade de repensar a condição do imigrante por haver se tornado um trabalhador com os direitos e as vantagens oferecidas pelos patrões, isso estava onerando o custo operacional, era preciso maximizar as vantagens oferecidas e se afastar dos limites que haviam sido outorgadas.

Só se afastaram do seu papel de imigrante deixaram de certa forma de se parecer com o seu papel de imigrantes tornando-se insuportável as condições, era necessário que voltasse a ser imigrantes, para que se torne possível basta uma nova avaliação dos lucros que se pode tirar do imigrante.

Para que haja surgimento da definição do imigrante como trabalhador provisório e da imigração. Um imigrante só tem razão de seu modo provisório pela razão de ser pelo trabalho e no trabalho, porque se precisar dele é lá onde deve estar o imigrante.

A constituição do imigrante está no problema social, no fundo é de todo entendimento que temos politicamente, a preocupação quanto ao imigrante seria melhor que fosse trabalhador mecânico, como trabalhador precisa de vantagens que aparentemente é proporcionado.

A adequação que o sistema apresenta aos imigrantes colocando-os sob novas orientações para atender com mão de obra do imigrante que oferece vantagens em todos os sentidos, pode-se perceber que a questão imigrantes se tornada social política, pelo seu alto custo de manutenção do que político econômico, por atender as necessidades do desenvolvimento geográfico.

Entendemos que é necessário fazer uma política forte com regras definidas, uma regulamentação que possa ser cumprida pelos dois lados da fronteira.

O fluxo de emigrantes que entra e sai do país sem preparação alguma para as regras dois lados fronteiriços impossibilita o fortalecimento da região de fronteira e enfraquece o sistema que cada vez mais fica sem subsistência para seu crescimento político-cultural.

A organização de uma memória que pudesse resguardar e facilitar o arquivamento de acontecimentos vividos é de fundamental importância para o fortalecimento da memória e do seu próprio espaço e também para que cada fronteiroço possa entender que existe uma memória que deve ser guardada, resgatada e até enaltecida e não esquecida.

CONCLUSÃO

Este estudo analisou a percepção de fronteiriços e sua interação com o meio, mostrando que os artigos “lo” e “la” são usados como elo de ligação Brasil-Bolívia através de um fácil acesso entre alunos, professores, turistas que criam uma linguagem muito peculiar, o “portunhol” , para facilitar a comunicação entre os povos dessa região de fronteira.

Para atender a estes objetivos, essa dissertação verificou, de acordo com observações feitas em horários de aula, fora de sala de aula e em práticas desportivas.

Diante de um mundo globalizado, estamos envoltos no verdadeiro papel da fronteira que ora distancia, ora liga, mas que acima de tudo, é o grande canal de passagem para dois pontos A e B, especialmente dos fluxos comerciais, trabalhistas, sociais, econômicos e culturais.

A fronteira viva é o olhar do fronteiriço dependente de motivações que se vê do outro lado do muro e é justamente por essa fronteira que se materializam as ações governamentais e não governamentais.

A fronteira é infinitamente melhor do que a enfeitam e por isso esta possui suas cristalizações, sua plasticidade, sua potencialidade e sua própria identidade.

A fronteira é, sem dúvida, um espaço em transformação e depende efetivamente dos seus agentes sociais que veem problemas, mas que precisam apontar soluções desafiando sua própria credibilidade e criatividade.

Falar de fronteira é complexo, mas entende-se que com este estudo contribuimos um pouco para ajudar na reconstrução de um processo lento e gradativo para operacionalizar mais rapidamente e também para servir como base de estudos e pesquisas para gerações vindouras.

A Escola Municipal CAIC é uma realidade presente na região de fronteira que atende alunos fronteiriços, bolivianos e brasileiros especialmente no ensino fundamental já que é o compromisso das escolas municipais.

Na fronteira entre Brasil e Bolívia, as escolas atraem muito pouco os alunos, com exceção da escola CAIC que tem uma proximidade geográfica que ajuda para

que seja referência para quem deseja se instalar ou mesmo aprender algo mais forte e consistente que será a base de sustentação do seu futuro.

É um desafio para os alunos fronteiriços socializar-se com outros, aprender uma linguagem diferente, interagir-se com um estranho, exótico, diferente, uma verdadeira prova de interatividade, uma vez que funciona como um teste interdisciplinar tem como objetivo mensurar e inserir o aluno fronteiriço no seio da sociedade sem melindrá-lo de acordo com o seu nível intelectual e seu conhecimento empírico.

Os textos, leituras e trabalhos realizados pelos alunos bolivianos e fronteiriços revelam muitas dificuldades, porém com possibilidade de crescimento gradativo desde que esses tenham ajuda dos seus colegas e professores de sala de aula. Contudo, a força de vontade de vencer e conquistar o seu espaço num país que não é o seu de origem fortalece o aluno dando-lhe forças para prosseguir no seu desejo maior.

A língua portuguesa é vista como língua estrangeira, assim como a língua espanhola é vista da mesma forma e assim depende de que lado está sendo visualizada.

A educação de casa é um dos fatores sociolinguísticos que tem grande implicação para que haja uma interatividade dos alunos fronteiriços e bolivianos que se relacionam com alunos brasileiros.

A pluralidade cultural e a diversidade linguística desses países que fazem divisa na região de fronteira Brasil e Bolívia são fatores de interdisciplinaridade e que conduz um processo de socialização por meio da família, amigos, escola que efetivamente são conquistados por essa cultura tão rica e diferente.

A fronteira é rica e possui diferente grupos étnicos, que são explorados pela faixa etária, gênero, *status quo*, escolaridade, conhecimento da língua, trabalho, parte social, relacionamento e tudo isso provoca o enriquecimento dessa vasta variação lingüística.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU**, Pierre. O Poder Simbólico (Cap.V, p. 107/ 132), São Paulo: Difel, 2001.
- BRITO**, Ângela Maria de. (org.) **memória de formação: registros de percursos em diferentes contextos**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- BRUNO**, Fabiana Cabral. **Ensino de Espanhol. Construção da impessoalidade em sala de aula**. Coleções intervenção. Editora Claraluz, 2004.
- BRUNO**, Fátima Cabral (Org.). **Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Reflexão e prática**. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.
- CALVET**, Lovis Jan. **Sociolingüística. Uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CARVALHO**, Nelly Medeiros de; **SILVA**, Maria Emília Barcellos da. **Anais do 1º encontro nacional do GT de Lexicologia, lexicografia e terminologia da ANPOLL**. Recife: , 1998.
- CORREA**, Walmir Batista. **Corumbá: terra de lutas e de sonhos**. Vol. 76. Brasília: Edições do Senado Federal, 2006.
- COSTA**, Edgar Aparecido da; **OLIVEIRA**, Marco Aurélio Machado de (Orgs.). **Seminário de estudos fronteiriços**. Campo Grande: Editora UFMS, 2009.
- ELIZAINCÍN**, A., **BEHARES**, L. & **BARRIOS**, G. **Nós falemo brasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay**. Montevidéo: Editorial Amesur. 1987.
- ENCICLOPÉDIA LAROUSSE ESPANHOL + FÁCIL PARA ESCREVER**. São Paulo, 2003.
- ESPAÑHOL**. Coleção aprenda idiomas sem complicação. São Paulo: Editora, ano.
- FUNJEL**, Adrian Pablo. **Português – espanhol. Língua próximas sob o olhar discursivo**. Cidade: Editora Claraluz, 2002.
- GUIMARÃES**, E. Políticas de línguas na América Latina. In: **Relatos**. Junho, número Projeto História das idéias lingüísticas. Ética e política das línguas. DL – IEL - Unicamp/ DL - FFLCH – USP. 2001.
- HENSEY**, F. Considerações metodológicas na análise da influência castelhana no português. In: **Véritas**. Porto Alegre: PUC/RS, p.142-157. 1965.
- LARA**, Gláucia Muniz Proença. **O que dizem da língua os que ensinam a língua. Uma análise semiótica do discurso do profano de português**. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

MARIN, Jerri Roberto; VASCONCELLOS (Orgs). **História, região e identidades**. Campo Grande: Editora UFMS, 2003.

MESQUITA, Samira Nahid de. **O enredo**. São Paulo: Ática, 1986.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Sistema Integrado de Saúde. Programa SISFRONTEIRAS. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/saude/>>. Acesso em: 2 out. 2008.

OLIVEIRA, Marco Aurélio de (Org.). **Guerras e migrações**. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. Os árabes e suas Américas. Campo Grande: UFMS, 2008. 274 p.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). **Território sem limites. Estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Editora UFMS, 2008

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem da fronteira in OLIVEIRA, Tito C. M. (org.). Território sem limites. Campo Grande, Ed. Da UFMS, 2006.

REVISTA DE EDUCAÇÃO AEC. **Aspectos do cotidiano escolar**. Ano 35. abril/junho, nº 139, Brasília, 2006.

REVISTA DE HISTÓRIA **Fronteiras**, Vol. 10, Nº 18. UFMS, 2008.

ROJAS, Oscar. **Novo dicionário escolar espanhol – português – português – espanhol**. São Paulo: Editora DIFUSÃO CULTURAL DO LIVRO, 2001.

SAYAD, Abdelmalek. A Imigração. Trad. De Cristina Murachco. São Paulo, Edusp, 1998.